

Uma contemplação da Maquinação, concebida por Heidegger, enquanto o destino de uma transfiguração historicamente consumada do Ser do ente na figura do Niilismo.

A contemplation of Machination, conceived by Heidegger, as the destiny of a historically consummated transfiguration of the being's Being in the figure of Nihilism.

Francisca Soares Rutigliano

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo:

Eis aqui uma interpretação da explanação de Heidegger dos fundamentos e desdobramentos do fenômeno do Niilismo, procedida pelo viés da fixação do sentido do Ser enquanto Maquinação. Esta interpretação implica a apresentação dos passos preparatórios do Filósofo para uma Escrita acerca do sentido do Ser orientada por um outro Princípio que o instituído pela Metafísica, e se faz a partir da contemplação de dois textos exemplares de Heidegger, em que ele investiga a determinação metafísica do Ser em dois períodos capitais da história do Pensamento: o período clássico da Metafísica grega, notadamente em Aristóteles, e o período consumado da Metafísica moderna, visado através da Filosofia de Nietzsche.

Palavras-chave: Entidade; Maquinação; Armadura; Vontade; Poder.

Abstract:

Here is an interpretation of Heidegger's explanation of the fundamentals and developments of the phenomenon of Nihilism, proceeded by the fixation of the meaning of Being as Machination. This interpretation implies the presentation of the Philosopher's preparatory steps for a writing about the meaning of Being guided by another Principle than that instituted by Metaphysics, and it is made from the contemplation of two exemplary texts by Heidegger, in which he investigates the metaphysical determination of Being in two capital periods of the history of Thought: the classical period of Greek Metaphysics, notably in Aristotle, and the consummate period of modern Metaphysics, aimed at through Nietzsche's Philosophy.

Keywords: Entity; Machination; Armor; Will; Power.

1. Introducción

A Maquinação (*Macheschaft*)¹ na figura da qual se determina o Pensamento metafísico do Ser implica um posicionamento particular deste Pensamento por respeito às questões acerca da diferença ontológica, do caráter próprio da transcendência e da intencionalidade. Nosso propósito aqui não é discutir em termos diretos as configurações que ganharam estas questões no curso da história da Metafísica. Antes, considerando que, a partir do abandono do *Seyn*², a Metafísica se instaura enquanto a pergunta pelo ente enquanto tal,

1 Todas as palavras extraídas do aparelho conceitual de Heidegger se encontram seguidas do termo alemão correspondente posto entre colchetes em sua primeira aparição no texto. Já as palavras gregas foram transcritas no alfabeto latino e marcadas em itálico, para evitar possíveis erros na impressão do texto. Observamos que a autora procedeu à tradução de todas as citações de Heidegger neste Ensaio, a partir das Obras publicadas no idioma do autor, exceto as citações do "Seminários do Thor", o qual a autora só dispõe de um exemplar da Editora da Gallimard, redigida por Jean Beaufret.

2 Seguiremos o procedimento de Heidegger de grafar a palavra "Ser" com a forma *Seyn*, que assim o fez para fixar nela um sinal indicativo de que, assim grafada, ela designa o Ser concebido por respeito à questão acerca do seu sentido ele mesmo. E ainda de acordo com o Filósofo manteremos a grafia original para indicar a palavra enquanto designação metafísica do Ser em termos de simples entidade do ente. Optamos por não apresentar um termo traduzido, porque mesmo verificando uma forma arcaica da escrita da palavra Ser em idioma português, qual seja *seer* (até ao século XIII, segundo Antenor Nascentes), mesmo assim, não poderíamos extrair da palavra, sem uma observação expressa, uma indicação da diferenciação na apreensão e na forma de abordagem do Ser. E uma vez que a palavra alemã *Seyn* se deixa ler sem maior dificuldade como Ser, preferimos deixá-la como marca.

isto é, por respeito à sua entidade e, entendendo que tal modo de instauração destinou *uma transfiguração historicamente consumada do Ser do ente em Poder*, transfiguração esta que fornece a figura própria do Niilismo, pretendemos abordar o fundamento, os modos de consolidação e dos desdobramentos da Maquinação no curso de uma tal destinação.

Consumaremos este propósito pelo viés de uma apreciação da explanação de Heidegger em dois Ensaio seus sobre Aristóteles e Nietzsche, a saber, "Da essência e do conceito da *Physis*. Aristóteles, *Física* B, 1", de 1939, e "A Metafísica de Nietzsche", de 1940. Tomamos o Ensaio sobre a *Física* de Aristóteles como referência, porque através dele se torna possível compreender como a presentificação (*Anwesenung*)³ da *physis* vem a se constituir enquanto o paradigma do Ser, a partir do fato dessa presentificação ser visada em termos de *presentidade* (*Anwesenheit*) *enquanto disponibilidade* -o que se deixa configurar bem na tentativa de Aristóteles de distinguir o caráter próprio da *poiesis* nos âmbitos de presentificação da *téchné* e da *physis*. E tomamos o Ensaio "A Metafísica de Nietzsche", porque nele Heidegger procede ao esclarecimento da figura do Poder em seu modo mesmo de se outorgar, se conservar e se elevar, através de sua ancoragem no pressuposto da incondicionalidade da Vontade. Concebemos, portanto, que a apreciação destas duas Obras nos permite abordar com toda propriedade o ponto nodal do Niilismo, o qual concentra *disponibilidade e incondicionalidade*.

3 Traduzimos as palavras alemãs *Anwesen*, *Anwesend*, *Anwesenheit* e *Anwesenung* respectivamente por presença, presente, presentidade e presentificação. Presença é a tradução que os dicionários oferecem para o termo *Anwesenheit* e que Heidegger corrobora em vários textos quando procura explicar a palavra *Anwesen* com o termo latino *praesenz* (Cf. por exemplo, HEIDEGGER, M. *Platon: Sophistes*. GA 19. Klostermann, Frankfurt Am Main, 1992, p. 524/525, e também *Zollikoner Seminare*. GA 89. Klostermann, Frankfurt Am Main, 1984, p. 223). Em *Tempo e Ser*, ele toma o exemplo "na presentidade de vários convidados a festa foi celebrada" para distinguir, embora sem dissociar, o sentido de presença do ente daquele que concerne à unidade do tempo a qual ele nomeia *Gegenwart*, e que as línguas latina traduzem com o termo "presente". Presente, presentidade e presentificação são portanto traduções literais dos termos alemães *Anwesend*, *Anwesenheit* e *Anwesenung* derivados de *Anwesen*: o primeiro indicando o próprio Ente enquanto o que é, na medida em que dura na presença, ou seja, no Ser; o segundo indicando no conceito o caráter de estado; e o terceiro indicando o caráter propriamente fenomenal (dinâmico) da presença ela mesma -tal é o modo como Heidegger distingue o sentido dos três termos. Mais adiante se faz referência no corpo do texto a discussão de Heidegger acerca da compreensão que Aristóteles tem da *physis* em termos de presentidade e não antes de presentificação. Sua questão é que na palavra *Anwesenheit*, precisamente porque ela guarda um sentido de estado, não se indica o caráter de fenomenalidade da presença (*Anwesen*), onde se denotaria o movimento ele mesmo e nisto a ocorrência de uma des-presentificação concomitante à presentificação. Nas línguas latinas não temos os meios de abordar esse contexto terminológico sem emprego de neologismos.

2. A indicação do motivo que orienta a investigação de Heidegger desde *Ser e tempo* e a justificação da tomada de perspectiva na Maquinação para a apreciação da explanação da história da Metafísica

Toda a Obra de Heidegger orientada a partir da investigação de *Ser e tempo*⁴ se inscreve no âmbito da problemática do abandono da questão do sentido do *Seyn* por respeito a si mesmo. Podemos dizer que a sua Escrita, a partir de *Ser e tempo*, constitui explicitamente um passo de volta na direção dos fundamentos e dos diversos modos do asseguramento e desdobramento da proeminência alcançada pelo ente, no que concerne à questão do sentido do seu Ser o qual se tornou normativo para o estabelecimento da Verdade e do verdadeiro.

Sem perder de vista em momento algum que a Metafísica se instaura sob a estampa da Maquinação única e exclusivamente em função do abandono do *Seyn*, podemos dizer sem o risco de incorrer em nenhum juízo antropomórfico que, *enquanto propósito previamente estabelecido de disponibilização irrestrita para a abordagem do ente e indagação acerca de sua verdade*, a Maquinação constituiu a determinação primeira do pôr⁵, isto é, da armação (*Gestellung*), enquanto o panorama através do qual o ente pôde vir à luz numa aparência⁶ (*eídos*). Esta perspectiva deve iluminar todo nosso exercício de

4 É sempre importante manter presente que se *Ser e tempo* inaugura um novo discurso da investigação filosófica, esta Obra não surge com o seu aparelho conceitual e seu contexto problemático de um *fiat*, muito antes ela foi rigorosamente preparada através dos estudos de Heidegger das Obras de Platão e de Aristóteles. *A interpretações fenomenológicas de Aristóteles* (1921/22), *Os conceitos fundamentais da Filosofia aristotélica* (1924), *Platão: o Sofista* (1924/25), sobretudo as duas últimas, são Obras colossais, nas quais Heidegger procedeu a uma explanação de caráter fenomenológico das Obras dos dois Filósofos gregos inteiramente distinta daquele da Fenomenologia de Husserl, exceto pelo prescrição rigorosa desta de ir à matéria (*Sache*) ela mesma. Em sua explanação de Aristóteles, Heidegger já projeta a sua noção de ser-no-mundo, muito possivelmente cunhada durante seus estudos de iniciação na *Ética a Nicômaco* e na *Retórica*, com o foco na contemplação da existência na *pólis*. Essas Obras que abordam o Pensamento dos dois Filósofos gregos já se movem no caminho investigativo do *Dasein* grego (ser-no-mundo na compreensão do Ser) e não naquele do homem (subsistente) grego. A analítica existencial já estava preanunciada nessas Obras.

5 No Ensaio de Heidegger sobre Aristóteles, do qual nos ocuparemos aqui, *Da essência e do conceito da Physis. Aristóteles, Física B, 1*, o termo *Gestellung*, o qual traduzimos por "Armação", é largamente empregado com o intuito de designar o pôr (*Stellen*) pelo qual o Filósofo caracteriza a *morphé* e é ali explicado enquanto tal (cf. HEIDEGGER, M.. "Vom Wesen und Begriff der *Physis*. Aristoteles, *Physik B, 1*", in *Wegmarken. GA 9*. Klostermann, Frankfurt Am Main, 1976, p. 290). Vemos, assim, que a posterior *Gestell* apresentada no Ensaio de 1953, a "Pergunta pela Técnica", a despeito do caráter inteiramente diferente da armação grega, têm a sua raiz naquele pôr, mais rigorosamente, naquela ponência originária.

6 Traduzimos o termo alemão *Aussehen* com o termo português "aparência" em obediência a orientação que Heidegger indica em seu Ensaio "A Doutrina de Platão da Verdade". Aqui ele determina que o termo *Aussehen* não deve ser compreendido enquanto aspecto: "(...) *Aussehen*

compreensão dos esclarecimentos concedidos por Heidegger no curso de sua extensa investigação da história da Metafísica.

Se decidimos direcionar a nossa contemplação do movimento de instauração da Metafísica pelo viés do esclarecimento da Maquinação é porque nos importa apontar, no curso da exposição do seu caráter e do seu desenvolvimento, o que, em nosso entender, constituem os marcos que foram estabelecidos por Heidegger em sua apresentação e problematização do movimento da Metafísica, no contexto de sua investigação da história do abandono do *Seyn*. O intuito aqui é acompanhar o esclarecimento de Heidegger acerca de tal movimento, que se estende até ao momento de sua consumação em Técnica da informação, quando esta emerge na fase de consumação da Modernidade, onde então o Sujeito do conhecimento e o seu objeto já se encontram pulverizados pela forma pura da Reserva (*Bestand*)⁷.

(aparência) Platão não nomeia enquanto mero *Aspekt*. 'Aparência' tem para ele ainda algo de um sobressair, através do qual algo se 'apresenta' (*präsentiert*) O Ente ele mesmo se mostra estando em sua 'aparência'". A aparência é suposta aqui, portanto, com o sentido de aparecer e não com o sentido corrente de um mero assemelhar-se. (Cf. HEIDEGGER, M.. "Platons Lehre von der Wahrheit" (1930/31), in *Wegmarken*. GA 9, Op. cit., p. 214).

7 Reserva (*Bestand*) é a expressão que Heidegger adota para qualificar o caráter que o Ser do Ente adquire na Era da Técnica moderna, quando o Ente desaparece enquanto objeto de conhecimento para um Sujeito e se descerra unicamente na perspectiva do recurso produtivo. Nessa Era, homem é desafiado pelo Ser ele mesmo a tomar o Ente, (a Natureza) e a si mesmo, com o intuito único de possibilitar o incremento da Economia, a qual rapidamente ganha o status de finalidade última do comportamento humano no todo, sob a forma de um modelo planetário de orientação. É sob a regência de tal finalidade que a Técnica moderna se engendra enquanto modo próprio do Saber acerca não mais do Ente ele mesmo, mas das possibilidades do planejamento e planificação em vista de sua exploração. Esclarecendo o caráter próprio do pôr desafiador característico da Armadura (*Gestell*) moderna, Heidegger observa: "Por toda parte é requerido ao pôr estar a postos e, na verdade, estar para ser ele mesmo requerível por um outro requerer. Isto, assim requerido, tem o seu próprio posto (*Stand*). Nós o nomeamos Reserva. A palavra significa aqui mais e essencialmente mais que apenas "provisão" (*Vorrat*). A palavra reserva passa agora ao status de uma epígrafe. Ela não distingue nada menos que o modo como tudo foi atingido por aquilo que o descerrar desafiador presentifica (*anwest*). O que está (*steht*) no sentido da reserva, não nos está diante enquanto objeto". Vemos com isto que já nos encontramos muito longe do antigo pôr característico da Armação, isto é, da *morphé* grega, a qual contudo permanece sendo a raiz da Armadura característica da Técnica moderna. (Cf. HEIDEGGER, M. "Die Frage nach der Technik", in *Vorträge und Aufsätze*. GA 7. Klostermann, Frankfurt Am Main, 2000, p. 17). Voltaremos a isto em momento oportuno para esclarecer porque propomos para a tradução de *Gestell* o termo Armadura.

2.1. O fio condutor e os passos da Escrita de Heidegger para a fundamentação de seu discurso acerca do abandono do *Seyn*

Heidegger afirmou reiteradamente que a orientação de sua investigação filosófica, recebeu seu fio condutor da Proposição de Aristóteles, "O ente é notório (com efeito, respectivamente a seu Ser) de várias maneiras"⁸, da qual tomou conhecimento através da Dissertação de Franz Brentano, de 1862, *Da múltipla significação do ente em Aristóteles*. Acatamos inteiramente este marco estabelecido pelo Filósofo⁹, e entendemos que foi a partir da apreciação da formulação de Aristóteles dos modos do Ser, que Heidegger chegou à compreensão da redução sumária do Ser ao ente, como forma mesmo da instauração do Pensamento metafísico, já nos Pré-socráticos¹⁰. A partir daí o seu intuito foi, por um lado, o de verificar tal ocorrência e o modo peculiar do dar-se de tal redução no percurso histórico do Pensamento e, por outro, o de procurar preparar o caminho para uma retomada da questão do *Seyn* em termos distintos daquele da Metafísica, ou seja, uma retomada da questão adotando como matéria de investigação o *Seyn* ele mesmo por respeito ao seu próprio sentido -tal verificação e tal preparação tendo a feição de uma abordagem histórica do *Seyn*.

Desde *Ser e tempo* Heidegger procura um novo Princípio norteador do Pensamento, distinto daquele em que se tem determinado a Metafísica até aqui. Tal Princípio, ainda vigente (não é possível prever até quando), não é outro que aquele desde o qual a *presença* (*Anwesen*), apreendida unilateralmente, através do caráter de emergência e constância configurador da presentificação (desocultação (*Unverborgenheit*)) da *physis*,

8 HEIDEGGER, M. "Brief an Richardson", in RICHARDSON, W. J., SJ. *Heidegger-Through Phenomenology to Thought*. Fordham University Press, New York, 2003, Vorwort, p. XI.

9 Conhecemos as controvérsias dos comentadores de Heidegger, mais recentemente a de Jean Greisch, acerca do esclarecimento do Filósofo sobre a motivação originária de sua investigação filosófica, e os propósitos, sobretudo o de Greisch, de negar a veracidade de tal esclarecimento (Greisch pretende mostrar que Heidegger procura encobrir a importância de Husserl na orientação inicial de sua Obra) (Cf. GREISCH, J. *Ontologie et temporalité*, Presses Universitaires de France, Paris, 1994, p. 5 ss). Discordamos inteiramente das conclusões que a chegam tais comentadores, precisamente no que eles desconsideram que a diversidade dos caminhos percorridos por Heidegger de modo algum prova que ele não tivesse um fito estabelecido. Por outro lado um fito estabelecido não significa um curso pré-estabelecido e conhecido por respeito ao seu percurso. Os seus caminhos foram múltiplos, mas a sua estrela foi sempre a mesma, como ele mesmo afirma: "Seguir para uma estrela, só isto" (Cf. HEIDEGGER, M. *Aus der Erfahrung des Denkens*, Neske, Pfullingen, 1977, p. 7).

10 A discussão que Aristóteles entabula em sua *Física* com o sofista Antifonte, seu predecessor, sobre o caráter essencial da *physis*, dá a ver que a redução do Ser ao ente já está estabelecida no Pensamento filosófico, como fica evidente na concepção de Antifonte acerca da constituição primordial da *physis* enquanto *hylé* (matéria) em vez de *morphé*, tal como Aristóteles o indica e refuta. (Cf. ARISTÓTELES. *Física*. Tarducci y notas G. R. de Echandi. Gredos, Madrid, 1995, B 1, a partir de 193a ss.).

é visada enquanto concretude¹¹ (*Wirklichkeit*) (subsistência) e, nestes termos, concede o sentido do Ser ele mesmo. O que está em questão nesta perspectiva é precisamente a requisição tácita de disponibilidade do ente, originada no comportamento preparador do *Dasein* (veremos mais adiante detalhadamente). Esta requisição de disponibilidade é tão normativa para a abordagem do ente que obliterou inteiramente o sentido do fundamento dinâmico do Ser, ao projetar sobre o movimento um sentido de privação. A prontidão foi tomada como a palavra mestre para exprimir a presença e nisto reside o privilégio da subsistência na contemplação do Ser -Ser é, enquanto presença, a concretude concretizante (*wirkende Wirklichkeit*), a qual constitui a entidade (*ousía*), a constância, do ente em termos de sua verdade (presentificação - *alétheia*). Daí que toda a abordagem da causação suposta na gênese seja visada desde a perspectiva do concreto ele mesmo -é aceito como uma evidência indiscutível que nada surge do nada (É de suma importância que se mantenha em vista que o termo "concreto" está sendo contemplado aqui em seus dois sentidos fenomenológicos, enquanto a coisa corpórea que subjaz no contexto factício da existência, ou seja, o concreto contingente manifesto na dimensão presente do tempo, e no sentido mais fundamental do puro e simples permanente posto para a

11 A discussão e o esclarecimento que Heidegger procede em seu Ensaio "Ciência e Meditação", de 1953, acerca da semântica dos termos *wirken*, *Wirklich* e *Wirklichkeit* nos proíbe de adotar as opções tradicionais apresentadas para sua significação na língua alemã e para sua tradução nas línguas latinas, as quais nos reportam aos verbos realizar, agir, atual, efetuar. Procuramos manter o sentido fenomenal que Heidegger privilegia nos termos alemães, através das palavras portuguesas, concretizar, concreto, e do neologismo concretude. Os termos tomados para a tradução pretendida guardam o sentido etimológico análogo aos termos alemães. O *Dicionário etimológico da língua portuguesa* de Antenor Nascentes apenas indica para a palavra concreto sua forma no latim, concretu, sem ousar fornecer sua semântica. Mas procurando pelo radical "cret", encontramos a palavra "creta", homônima em latim, a qual o Filólogo concede a significação de sinal de giz que marca o princípio da carreira. A partir desta indicação semântica do radical "cret", podemos concluir que o termo concretude se determina enquanto uma co-adiução e, assim, concerne ao âmbito de significação do verbo "aviar" (preparar e dispor algo com um fim, pôr em via), "a-duzir" (expedir e expor) que se esclarece enquanto o presentificar, a presentificação de todo. Apoiamo-nos a seguir na instrução que o *Dicionário da língua alemã Wahrig* proporciona sobre a formação etimológica latina do substantivo alemão *Konkretum*: a palavra se constitui do participio perfeito neutro do verbo *concrecere*: crescer junto (*Zusammenwachen*) (muito apropriado para a significação da *physis* grega). É com sentido análogo ao *Konkretum* que Heidegger pretende que se compreenda também a palavra *Tun* (traduzimo-la com a palavra portuguesa "executar", precisamente porque o sentido etimológico do termo latino *executare* (*exsequi*) é o de seguir para fora: *ex* (fora) *sequi* (seguir). No texto em questão, Heidegger faz todo um esforço para dissociar o verbo *tun* do sentido corrente de fazer, compreendido no sentido da *actio* latina, a partir da qual foi fixado o sentido do *ergón* grego em termos de uma *operatio*, a qual enquanto *actio* é suposta sob as formas de *efficere* e de um *effectus*. Uma significação concedida no *Dicionário Wahrig*, auxilia na compreensão do que Heidegger pretende para o verbo *tun*, no sentido do co-adiuzir à presença, aviar: "*sein Tun un Lassen seine Lebensweise*": "executar e deixar ser seu modo de vida" (Cf. HEIDEGGER, M. "Wissenschaft und Besinnung" (1953), *Vorträge und Aufsätze*. GA 7. Op. cit., p. 42ss).

desocultação, isto é, para a verdade; assim o *eídos* é um concreto, a posterior consciência moderna também o é).

Os trabalhos de Platão e de Aristóteles partem e assumem o pressuposto da presença em termos de subsistência e se impõem como tarefa determinar as formas de configuração de sua presentidade *no lógos*, com o propósito de estabelecer a possibilidade da abordagem do ente material sob tal fundamento (veremos adiante que Platão e Aristóteles buscam configurar o caráter fundamental da presença enquanto presentidade e não enquanto presentificação, o que testemunha uma perda do sentido essencial da *alétheia*).

Partindo da concretude enquanto entidade do ente (seu Ser) no sentido essencial de presença, Platão elabora a teoria das ideias (*eíde*), enquanto modo de explicar a comunhão do propriamente verdadeiro (o *eídos*) com o ente material (o *eídoiov*), o qual ele considera em termos de um menos ente, menos verdadeiro (*mé ón*) por considerar que este não detém em si mesmo o fundamento de seu ser enquanto o tal que ele é. Através da *idéa*, o filósofo procura explicar o *Um* enquanto o *desde onde* e o *comum* (*koinón*) a muitos, aos que se encontram confundidos numa multiplicidade. E Aristóteles elabora as *kategoríes* enquanto modos predeterminados pela categoria suprema, a *ousía*, para determinar o próprio caráter plural desta em termos de quantidade, qualidade, reporto, lugar, ocasião, estado, etc. Tanto a ideia quanto as categorias, em seus propósitos de estabelecer as formas prévias da desocultação (verdade) do Ente para a abordagem do seu Ser, já partem do pressuposto da presença, concebida muito precisamente em termos de visibilidade e constância enquanto estrutura preliminar do Ser (a *ousía* pretende mesmo caracterizar tal constância). Daí que tanto Platão quanto Aristóteles concebiam a presença visada no Ente em reporto imediato ao *lógos*. Vejamos como Heidegger resume a significação do *eídos* no Pensamento de Platão:

Eídos é um conceito de doação do Ser do ente. (...) O *eídos* não diz no fundo nada sobre o Ser do ente, além do fato que nesse conceito de doação, o *eídos*, vem à expressão que o ente deve ser apreendido em sua aparência (*Aussehen*), isto é, em sua presença (*Präsenz*) e, na verdade, em uma presença (*Präsenz*) para um simples ver considerativo (*Hinsehen darauf*) (...) também em Aristóteles é ainda definido *eídos* = *lógos*¹².

Numa nota, referente ao mesmo trecho, Heidegger corrobora este sentido essencial do *eídos*: "*Eídos*: aparência, presentidade"¹³.

12 HEIDEGGER, M. *Platon: Sophistes*. cit., p. 524/25.

13 Ib. p. 524.

Na visibilidade da presença repousa justamente a pretensão da prontidão requerida previamente em vista da disponibilidade do ente. Isto fica muito explícito na concepção que Aristóteles detém da *ousía*, vista pela ótica de sua caracterização do sentido essencial do Ser, na forma estrita de subsistência¹⁴, para configurar a constância na presença, isto como modo de determinar o *aí* visado no *Dasein* (subsistência) de todo. Contemple-se a explanação de Heidegger acerca desta concepção de Aristóteles:

Ousía significa *Dasein*, e não tem um sentido indiferente do Ser, como se não houvesse tal coisa. *Ousía* é a abreviação de *parousía*, "ser-presente" (*Gegenwärtigsein*). Normalmente o oposto é a *apousía*, a "ausência", não simplesmente nada, mas algo *aí*, mesmo que seja em privação. (...) *Apousía* é o fundamento ontológico para a categoria fundamental da *stéresis*¹⁵.

Ousía significa *Dasein*, existência, na medida em que, para o Pensamento grego, ele tem o seu *aí*, o seu presente, determinado pela constância, isto é, pela subsistência (importante observar na citação acima que Heidegger, ao caracterizar o sentido da *ousía* em Aristóteles enquanto ser-presente, já aponta para à *stéresis* distintiva da despresentificação implicada na presença). E corroborando o sentido atribuído ao *Dasein* grego em termos de subsistência visada em termos de disponibilidade, Heidegger ressalta:

Dasein significa, em resumo: 1. Primeiramente presença, presente, 2. Ser-pronto, aprontamento (*Fertigsein; Fertigkeit*) -as duas características do *aí* para os Gregos. Nestas duas características, todo ente por respeito ao seu Ser é interpretado¹⁶.

Concebendo o sentido da presença seja do ponto de vista do *eídos* (o visto na visibilidade) seja da perspectiva da *ousía*, (o constante da presença), e compreendendo que tal presença já é sempre suposta por respeito a própria disponibilidade, cujo o requerimento orientou desde o princípio os modos de estabelecimento da verdade do ente, compreendemos porque os dois Filósofos gregos cunharam as suas definições do Ser diretamente por reporto ao *lógos*: "*Lógos* (...) é um tal 'falar', 'abordar' do mundo,

14 Traduzimos o termo alemão *Vorhandensein* por "subsistência", por entender que este termo guarda o sentido próprio da constância suposta na concretude e constitui o fundamento mesmo do ser-presente, o qual não significa nunca a mera presença espacial de algo *aí* adiante da vista, mas antes a presença prévia de seu sentido.

15 HEIDEGGER, M. *Grundbegriffe der aristotelischen Philosophie* (1924). GA 18. Klostermann, Frankfurt Am Main, 2002, p. 32 s.

16 *Ib.* p. 35.

tal que nele o ente é abordado por *respeito a sua prontidão* e esta é tomada *enquanto presente* (*Gegenwärtig*)¹⁷.

Com isso fica claro que a Filosofia, a partir de Platão, apenas procede à configuração formal para o que já estava suposto no comportamento preparador com o ente. Nada menos que a *disponibilidade* do presente requerida desde o princípio à concretude atribuída a *physis* ela mesma¹⁸. Desde o princípio a questão do *Seyn* enquanto *Seyn* está esquecida, ou seja, obliterada pela problemática da entidade do ente.

A partir de sua condução verificadora e preparatória da abordagem histórica do *Seyn*, Heidegger chega a compreender em que termos se instituiu o Princípio norteador do Pensamento metafísico, o qual está de partida restringido à pergunta pelo ente enquanto tal. Em *Ser e tempo*, Heidegger põe em questão pela primeira vez o caráter evidente da diferença ontológica repousada tradicionalmente na mera distinção de Ser e ente, isto é, de subsistência e subsistente ou, em termos medievais, de *essentia* e *existentia*; é a primeira abordagem da questão orientada com o fito de esclarecer os fundamentos do esquecimento do *Seyn*. A analítica do *Dasein*, ainda, contudo, uma Metafísica¹⁹, constitui o primeiro passo no sentido da destituição da subsistência na determinação do Ser. Sua obra imediatamente seguida a *Ser e tempo*, e escrita com o intuito de esclarecê-lo, os *Problemas fundamentais da Fenomenologia* (1927), dá um segundo passo fundamental na direção pretendida, ao retomar o que Heidegger já havia iniciado em sua interpretação de Aristóteles e Platão, nos Ensaios de 1924/25: estabelecer o comportamento no âmbito do qual se origina a perspectiva corrente do Ser enquanto subsistência (concretude), qual seja, o comportamento preparador do *Dasein* por respeito ao ente²⁰.

17 lb. p. 36. Na nota abaixo, nº 38, se consuma o esclarecimento do *lógos* em seu reporto direto ao *eidos*.

18 Como se vê, os Estudos de Platão e Aristóteles foram fundamentais para a obtenção de Heidegger da configuração do primeiro Princípio do Pensamento. *Ser e tempo* já se inaugura quase que inteiramente fundamentado por respeito ao abandono do *Seyn*.

19 "*Ser e tempo* (...) concebe a Metafísica em superação, contudo, ainda uma vez, enquanto 'Metafísica do *Dasein*'. (Cf. HEIDEGGER, M. *Metaphisik und Nihilismus*. GA 67. Klostermann, Frankfurt Am Main, 1999, p. 107).

20 HEIDEGGER, M. *Die Grundprobleme der Phänomenologie* (1927). GA 24. Klostermann, Frankfurt Am Main, 1975, p. 158 ss. Com esta Obra, Heidegger conclui a sua fundamentação do abandono do *Seyn*, e a sua determinação sob a perspectiva da subsistência, fundamentando o "lugar" de origem deste abandono. Daí em diante a tarefa é mostrar a partir de quais concepções esse abandono se desdobra. (E para que se observe a busca de Heidegger de um fundamento do Ser no comportamento preparador do *Dasein* grego, já anteriormente a *Ser e tempo*: "(...) a *téchné poietiká*, respetivamente, a *poiesis* concedia um *panorama sobre a compreensão da ousía* e nos dava a oportunidade de extrair naturalmente -sem construção- o *sentido do Ser* nos Gregos". Cf. HEIDEGGER, M. *Platon: Sophistes*. cit. p. 275).

Entendemos que nos *Problemas fundamentais da Fenomenologia* foi fixada definitivamente a possibilidade de Heidegger configurar a *forma* originária do descerramento do Ente enquanto tal nos primórdios do Pensamento grego, quando o Ente foi apreendido na íntegra enquanto *physis*, e sob este modo veio a ser postado em termos de disponibilidade e requerido em função desta. Tal forma não é outra que a *poíesis*, o "*producente pre-parar (hervorbringende Her-stellen)*" que deixa aparecer o presente no desocultamento²¹. A *poíesis* é uma forma estabelecida para o descerrar do ente e, assim, é um modo da *alétheia* ela mesma²².

3. Preparação para a exposição do Ser enquanto Maquinação a partir da contemplação do Diálogo de Heidegger com a Filosofia de Aristóteles

Orientados pelo estabelecimento do princípio da subsistência procedido por Heidegger nos *Problemas fundamentais...*, situemo-nos agora no contexto problemático da presentificação do ente sob o pressuposto da *poíesis*, através de seu Ensaio "Da essência e do conceito da *Physis*. Aristóteles, *Física* B, 1"²³. Primeiramente é necessário notar que Heidegger não pretende que Aristóteles conceba a *physis* no sentido do Ser de todo, como os seus predecessores pré-socráticos. Ele observa mesmo que para Aristóteles a *physis* constitui um âmbito do Ser, mas o fato é que a presença visada nela em termos de *disponibilidade* permanece enquanto a orientação fundamental para a abordagem do ente, tal como se passa no âmbito da *téchné*.

Isto significa que mesmo que Aristóteles contemple a *poíesis* primeiramente na *physis* ela mesma enquanto modo desta se trazer ao presente o seu ente, o Filósofo precisa pressupô-la já por reporto ao comportamento preparador do *Dasein* grego. E uma vez que este comportamento se origina e se desdobra no âmbito da *téchné* será sob a ótica do fundamento implícito desta, qual seja, a prontidão requerida enquanto disponibilidade, que a *poíesis* da *physis* será apreendida. Este ponto de partida desde o qual a *physis* foi

21 Heidegger, M. "Die Frage nach Technik". cit. p. 21.

22 Ibid. p. 22 (O sentido essencial do preparar, ou estabelecer, da *poíesis*, está mais explícito na palavra alemã *Herstellen*, tal como Heidegger a apresenta separada por *hífen*: traduzida literalmente: "pôr cá", adiante).

23 Como afirmamos anteriormente, tomamos esta Obra de 1939 como referência, porque nela Heidegger explana detalhadamente a diferenciação que Aristóteles faz da *poíesis* no âmbito da *téchné* e no da *physis*, mas mais ainda porque nela Heidegger logra mostrar detalhadamente como a presentificação da *physis* vem a se constituir enquanto o paradigma do Ser, a partir de sua requisição em termos de disponibilização.

contemplada levou o Pensamento posterior a conceber o modo da sua *poíesis* em termos de um *fazer*.

Embora Aristóteles não tenha pretendido atribuir ao modo da *poíesis* da *physis* o sentido de um fazer, ele visou no duplo caráter de gênero e proveniência da *physis* o aspecto de uma produção causal orientada por uma *virada permanente*, isto é, uma *partida* permanente -esta aqui o sentido atribuído a *arché*. E isto, precisamente, porque abordou a presentificação da *physis* a partir da perspectiva da prontidão; Aristóteles viu tal presentificação consumada no modo do movimento, o qual visou em termos de *metabolé*, isto é, virada de algo para algo, virada ela mesma caracterizada enquanto partida permanente uma vez que sempre atida ao gênero (tronco). Por fim, o Filósofo projetou este aspecto produtivo para o esquema da entidade de todo, isto é, da *ousía*, aspecto que Heidegger configura no seguinte esquema: "*physis-lógos* e "fundamento" - *hypokeímenon* - *arché* (partida, orientação) - *aítio* (causa)²⁴.

Qual é o "fundamento" suposto aqui? Precisamente o sentido de paradigma que o Ser (o *eídos*) *enquanto presentidade* ocupa na *téchné*, e o qual já Platão havia projetado sobre a *idéia*²⁵. Com os termos de Heidegger: "Quando Platão determina a *idéia* enquanto o *óntos ón* (o eminentemente ente), ele fixa de modo determinante o Ser do ente enquanto *presentidade presente* (*anwesende Anwesenheit*)"²⁶. Por respeito a esta, a ausência (*stéresis*) só pode ser concebida em termos de uma despresentidade, ou seja,

24 HEIDEGGER, M. "Die Überwindung der Metaphysik" (1938-39), in *Metaphysik und Nihilismus*. cit. p. 64. A nota abaixo, nº 38, segue dando orientação ao sentido desse esquema cunhado por Heidegger.

25 Nos *Seminários do Thor*, Heidegger observa como Aristóteles determina à entidade em reporto a Platão: "A experiência do ente em seu Ser situa Aristóteles em reporto a Platão. (...) A experiência fundamental da qual Platão determina o *ón* enquanto *eídos*, a experiência do *óntos ón* (eminentemente ente), é a experiência da pura presença cujo caráter é o de se mostrar a descoberto". Aqui reside o caráter paradigmático do fundamento (Cf. HEIDEGGER M. "Les Séminaires du Thor", in *Heidegger-Questions III e IV* (Rédacteur J. Beaufret). Gallimard, Paris, 1976, p. 399). E Heidegger segue esclarecendo que o que diferencia a perspectiva de ambos da entidade, é que Platão ao atribuí-la ao *eídos* projeta uma privação no ente material -este concebido enquanto *ídon* é um *mé ón* (um menos ente), enquanto que Aristóteles, acolhe o *eídos* enquanto a forma da presentidade ela mesma, mas não projeta sobre o ente material nenhuma privação, mas sim o caráter essencial do movimento (*kínēsis*), de modo que "o *eídos* se torna a *morphé* de um *tode tí* (*quid*) em movimento e repouso" (Ib.). Aqui há que se contemplar duas questões. Primeiro, ainda que Aristóteles não projete uma privação sobre o ente material, a projeta no movimento ele mesmo, e uma vez que ele concebe o repouso como a determinação essencial do movimento, o que o leva a determinar o seu Ser, a mobilidade, enquanto *entelécheia*, isto confirma que, também para ele o que rege a concepção do ente é precisamente o pressuposto da presentidade e não o da presentificação, como veremos adiante.

26 Ib. p. 426.

de uma denegação da presença. Daí Heidegger verificar que a entidade, a concretude, já se constitui sobre uma distinção ontológica metafísica: "A distinção enquanto tal (é) já metafísica e seu caráter-*paradeigmata* interno, o Ser -*parádeigma*- (é) enquanto fundamento, enquanto condição, enquanto o verdadeiro -"norma"- "lei"²⁷.

No exposto acima, vê-se o que foi projetado do comportamento preparador, imanente ao Saber próprio da *téchné*, na *physis*, qual seja, o paradigma da entidade, em termos de presentidade, extraído diretamente da ideia de prontidão, requerida por esse mesmo comportamento e posto como fundação para a manifestação do ente enquanto o exprimido (*hypokeímenon*)²⁸ no *lógos*; assim: paradigma em termos de gênero para uma partida (*arché*) causal e nestes termos enquanto norma do verdadeiro -está aberto aqui o contexto da origem do fenômeno da Maquinação²⁹.

27 HEIDEGGER, M. "Die Überwindung der Metaphysik". cit. p. 64.

28 Ainda nos *Seminários do Thor*, Heidegger concede um esclarecimento detalhado da apresentação do Ente enquanto *hypokeímenon* por distinção à sua apresentação imediata no *lógos* enquanto fenômeno, isto é, mostrando-se a partir dele mesmo. Enquanto *hypokeímenon* o Ente aparece na condição já do aludido, seja sob a forma do nomeado seja do enunciado: "*hypokeímenon* é o Ente (portanto, o *fainómenon*), mas enquanto tomado em vista no interior de um *légen ti katá tinos* (de um "dizer algo a propósito de algo")) (Cf. HEIDEGGER, M. "Les Séminaires do Thor". cit. p. 424).

29 Em seu Ensaio *A história do Seyn*, contemporâneo ao Ensaio *Da essência e do conceito da physis...*, esclarecendo o sentido da palavra "Maquinação", Heidegger mostra justamente o fundamento da tomada da *physis* pela perspectiva unilateral da presença. E tal fundamento é precisamente a tomada dela pelo modo próprio da *poíesis* inerente à *téchné*, qual seja a figuração: "A palavra 'Maquinação' tem aqui um reperto da discursividade histórico-essencial à *physis*, porquanto ela seja tomada logo, no sentido o mais amplo, por um modo da *poíesis* (figuração (*Mache*))" (cf. HEIDEGGER, M. *Die Geschichte des Seyns* (1938-40). GA 69. Klostermann, Frankfurt Am Main, 1998, p. 47). No Ensaio *A Metafísica enquanto história do Ser*, Heidegger observa: "o Ser enquanto a concretude do concreto se determina cá desde o produto (*Werk*)" (Heidegger, M. "Die Metaphysik als Geschichte des Seins" (1941), in *Nietzsche*. GA 6.2. Klostermann, Frankfurt Am Main, 1997, p. 400. Traduzimos a palavra alemã *Werk*, por "produto" antes que por "obra" para extrair das palavras dos dois idiomas o sentido da *operatio* latina. O produto (*pro-ducto*) guarda a conotação essencial do *trazido à presença* (*pro-a-duzido*). É certo que o sentido da palavra "produto" está muito embaçado pelo uso corrente onde ela ganhou a conotação de coisa fabricada, mas, como diz Guimarães Rosa, é preciso polir as palavras, tomar "cada palavra como se ela tivesse acabado de nascer para limpá-la das impurezas da linguagem cotidiana e reduzi-la a seu sentido original" (cf. LORENZ. G. "Diálogo com Guimarães Rosa", in *Guimarães Rosa*. Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1993, p. 46). De fato, consideramos que é preciso tomar a sério as determinações de Heidegger para expor o seu Pensamento. Não é possível que todo o seu esforço de recolocação de conceitos fundamentais da Filosofia seja ostensivamente desconsiderado e que continuemos a traduzir *Wirklichkeit* por "realidade" ou "efetividade"; *Beziehung* (reportação) por "relação", quando ele mesmo afirma que tais traduções deturpam as matérias problemáticas a que deveriam corresponder e desorientam a sua investigação. (Sobre a recusa de Heidegger do termo "relação" para a tradução de *Beziehung*, cf. HEIDEGGER, M. "Wozu Dichter?" in *Holzwege*, GA 5. Klostermann, Frankfurt Am Main, 1977, p. 282 s).

Desde esta perspectiva da *physis* contemplada tacitamente a partir da *téchné*, é possível compreender que a Maquinação constitui a própria configuração deste aspecto de produção causal do Ser enquanto verdade, isto é, entidade, e é nestes termos que ela se deu como oferta do panorama para o pôr (armação) do *eídos*. Nisto tudo residem as condições para a) a posterior interpretação medieval do Ser enquanto *actualitas*, quando então a causalidade já configura a inteira determinação do Ser, a partir da concepção de um Deus criador, ele mesmo subsistente; b) para a consequente interpretação moderna do Ser enquanto Subjetividade, consumada em autoprodução do Absoluto; e c) para a interpretação pós-moderna do Ser enquanto Reserva e Recurso.

3.1. A ocultação do princípio cedido pelo comportamento preparador inerente à *téchné* para a abordagem do fundamento da presentificação da *physis* devido ao desvio da questão mesmo do fundamento em termos de simples diferenciação do caráter e dos modos da *poíesis* nos dois âmbitos

O que Aristóteles pretende demonstrar procedendo a distinção da *poíesis* na *techné* e na *physis*? Pretende demonstrar que na *physis* o *eídos* se afirmando autóctone não assume a função de mero paradigma. Contemplando este seu propósito, veremos que Aristóteles já regido pela compreensão do Ser em termos de presentidade visada de partida enquanto disponibilidade, deixa de considerar o sentido essencial do paradigma em si mesmo. O Filósofo assume o paradigma no sentido linear de um modelo de concreto factível para uma concretização. O papel originário que o paradigma desempenha na determinação do Ser, pura e simplesmente enquanto orientação para o lógos desde a presentidade, fica fora de questão para Aristóteles. Acompanhemos um pouco da explanação de Heidegger da demonstração de Aristóteles para compreendê-lo melhor.

Em sua abordagem da *Física* de Aristóteles, Heidegger faz uma explanação detalhada da distinção que aquele procede da estrutura da *poíesis* (do preparo) nos âmbitos da *téchné* e da *physis* pondo em contraste os modos próprios de presentificação do Ser do Ente em cada um. Heidegger esclarece que Aristóteles diferencia a *poíesis* por respeito à *physis* e à *téchné*, ressaltando que para o Ente oriundo da *physis* (*physei*) o despontar concernente ao seu pró-a-duzir³⁰ (*Her-vor-bringen*) (*poíesis*) ocorre através dele mesmo,

30 No Ensaio *Ciência e Meditação*, Heidegger procede a uma longa explanação do termo *Hervorbringen*, que traduzimos aqui por "produção", separando os prefixos e o verbo e alocando a conjunção und entre os prefixos (*her-und-vor-bringen*) para demonstrar o caráter de adução, de um conduzir para fora no sentido do termo. Tal sentido está em conexão imediata com aquele do verbo alemão *wirken* que procuramos esclarecer acima (Cf. HEIDEGGER, M. "Wissenschaft und Besinnung". cit. p. 42.)

enquanto que o ente oriundo da *téchné* tem o seu despontar através de um outro (o artesão, por exemplo)³¹.

Se o ente da *téchné* só vem à luz (à verdade) em sua aparência (Ser) através de outro, isto significa que *téchné* não tem nela mesma e a partir dela mesma a *morphé* (a armação: o *pôr*, através do qual o ente sem-configuração num multiplicidade -de possibilidades- pode se apresentar como o homólogo, por assim dizer, à figura unificante do ente singular, isto é, do *eídos*). E, uma vez que a *téchné* não tem a armação, não tem também o *eídos*, porque o *eídos* não é sem a *morphé*. A *morphé* e o *eídos*, residindo fora, terão para a *téchné* apenas o sentido de "paradigma" e de medida, e, assim, a própria *poíesis* neste âmbito será sempre adventícia. Disto resulta: para Aristóteles o caráter da *poíesis* na *téchné* é simplesmente o de um *preparar* orientado por uma medida e um modelo externos, portanto no sentido da simples *figuração*³². Entretanto, por respeito à *physis*, Aristóteles vê o caráter peculiar da *poíesis* propriamente enquanto um preparar da aparência (*eídos*) ela mesma, por ela mesma enquanto o *pôr*, a armação (*morphé*).

31 HEIDEGGER, M. "Die Frage nach der Technik". cit. pp. 12-13. É preciso notar que se Heidegger aloca o despontar do ente na *téchné* no artesão ou no artista, ele não está concebendo este aqui no sentido de uma causa eficiente. O artista ou o artesão detém o *eídos* na medida em que se versa acerca do contexto de necessidade para o qual a Obra está dirigida desde o princípio de sua produção. É, portanto, em tal contexto que reside mais originariamente o *eídos* da Obra.

32 Considerando o contexto problemático do preparo no princípio da apresentação do Ente, no âmbito da *téchné*, traduzimos, como já se observou acima, o substantivo alemão *Mache* por "figuração": a prontidão do Ente é a figuração de um modelo predeterminado. E observamos que os Dicionários latinos traduzem o termo *Mache* por dissimulação, que é um aspecto essencial da figuração, a qual por sua vez corresponde ao termo grego *technikón*, que qualifica o caráter próprio do Ente da *téchné*, e que os autores latinos traduzem pelo termo "artificial". Mantemos a tradução do verbo *machen* na forma corrente de fazer, já que Heidegger, discutindo, em sua explanação da *Física* de Aristóteles, com a Metafísica medieval y moderna, mas também com o Grego Antifonte, a opinião destes de que o Filósofo pensa a gênese da *physis* em termos de auto-fabrico, invoca aí a diferença entre fazer e preparar: "(...) onde esta (a preparação) joga acompanhando, mas não consoma, aí o preparar é um fazer (Machen)" (Cf. HEIDEGGER, M. "Vom Wesen und Begriff..." cit. p. 290). Vemos, contudo, que esta diferenciação pretendida por Heidegger nessa discussão é um equívoco, porque com isto ele acaba, aí, por atribuir à *téchné* um sentido de mera atividade, quando na verdade não é o que pretendia, porque desde seu *Platão: O Sofista* ele reivindica para a *téchné* o sentido de um modo insigne de presentificação do Ente, os outros modos são o *nous*, a *episteme*, a *phronesis* e a *philosophia*. Já na *Origem da Obra de arte* ele é peremptório: "A *téchné*, enquanto experiência grega do Saber, é um produzir (*Hervorbringen*) do Ente, na medida que traz o presente enquanto um tal cá da ocultação para a desocultação de sua aparência; *téchné* não significa nunca a atividade de um fazer (s- *Machen*)" (Cf. HEIDEGGER, M. "Der Ursprung des Kunstwerkes", in *Holtzwege*. cit. p. 47). E é precisamente esta reivindicação de presentificação para a *téchné* que Heidegger leva a cabo em seus Ensaio de 1953, *Ciência e Meditação e A pergunta pela Técnica*.

Tal é o sentido do pró-a-duzir (*poíesis*) da *physis*: o seu levar-se a si mesma à presença de si mesma, isto é, emergir na aparência³³). Isto significa: a *morphé* (o pôr do múltiplo no singular) reside na *physis* ela mesma enquanto *eidos* autóctone e, assim, prescinde de qualquer paradigma. Vê-se aqui que Aristóteles não concebe o *eidos* enquanto o paradigma ele mesmo, senão como podendo assumir a função de paradigma para uma presentificação em um âmbito no qual ele não seja nativo. Heidegger observa que, para Aristóteles, na *téchné*, o *eidos* tem apenas a função de encaminhar (enquanto um mostrar puro e simples) o versar-se da *poíesis*, mas ele não assume o pôr justamente porque não é domiciliado nela. E Heidegger compreende com isto, controvertidamente, como já apontamos em nota (notas 32 e 33), que o preparo da *téchné* em um tal contexto tem o caráter de um *fazer*. Vejamos:

Onde a aparência se dá por satisfeita no mostrar-se, e só se mostrando, e com isto encaminha um versar-se (*Sichauskennen*) em sua preparação, onde esta joga acompanhando, mas não *consuma*, aí o preparar é um *fazer* (*Machen*)³⁴.

O fundamental na apreensão deste trecho é compreender que a verdadeira distinção não reside entre o preparar e o fazer (como Heidegger momentaneamente pretendeu), mas sim entre um modo de manifestar o Ser do ente, através de um versar-se orientado por um modelo e por uma medida externos, modo tal que resulta que a *poíesis* tenha o caráter de uma figuração³⁵, e um modo de manifestar o Ser livre da condição do versar-

33 Heidegger resume caráter autoconstituente da *physis*: "*physeos hódos eís* (*physis* a caminho para a *physis*), a *physis* é uma forma da *entélékheia*, isto é, *ousía*, e na verdade o preparar a si -desde si, para si. No a-caminho essencial, contudo, se torna um preparado (não algo feito (*Gemachtes*))." (Cf. HEIDEGGER, M. "Vom Wesen und Begriff..." cit. p.297)

34 HEIDEGGER, M. "Vom Wesen und Begriff..." cit. p. 290 (O termo alemão *Sichauskennen* é tomado por Heidegger para significar caráter próprio do Saber inerente à *téchné*. Traduzimo-lo aqui por "versar-se").

35 Vimos deste o início desta discussão que foi projetado o princípio da prontidão, requerida em vista da disponibilidade pelo comportamento preparador imanente à *téchné*, sobre o modo de presentificação da *physis*. É importante compreender que o caráter próprio do preparo da *téchné* em termos de mostração do ente sob a forma de figuração acabou por se afirmar no curso da história da Entidade e, na Era técnica assumiu a plena proeminência sobre o sentido do Ser. Adiantando-se o que será discutido mais adiante acerca da Técnica moderna, apontamos já que se a figuração correspondente à *téchné* grega tinha ainda o *eidos* (em sua apreensão ôntica em termos de modelo e medida para o preparo) como paradigma para a sua prática figuradora do Ente, por sua vez a Técnica moderna, consumada na forma de Técnica da informação, já prescinde completamente do *eidos* originário, porque a sua figuração do ente não se orienta mais pelo saber do Ser, mas antes pelo saber puro e simples da manobra das estruturas articuladas do ente, apreendidas no sentido da relação de fatores formais verificáveis e tratáveis matematicamente. O que a Técnica moderna figura são as formas de controle, organização e domínio do Ente. A *téchné* presentificava

se de todo, o que determina a *poiesis* em termos distintos de uma simples prática de figuração e, na verdade, a determina enquanto mostração do próprio pôr característico de um *eidos* que tem em si o caráter auto-ponente enquanto *physis* mesmo:

A aparência, o *eidos* pode também se mostrar imediatamente, pôr-se enquanto isto o que assume o pôr (*Stellen*) nele mesmo; a aparência se põe ela mesmo; aqui a armação é uma aparência; e assim se pondo, põe-se nela mesmo, isto é, põe aqui mesmo um assim-aparente (*So-Aussehendes*) -*morphé* enquanto *physis*³⁶.

Na citação abaixo podemos observar a síntese da questão exposta nas duas citações acima:

(...) nós vemos facilmente que um *zoón* (animal) não se "faz" a ele mesmo e ao seu igual, porque sua aparência não é nunca mera medida e modelo, a medida do qual algo é preparado a partir de um disponível, antes a aparência é o pre-sente (*præ-sens: An-wesende*) ele mesmo, a aparência se pondo, a qual requer para si pela primeira vez o disponível e se põe enquanto o apropriado na aptidão. Na gênese enquanto armação o preparar é de ponta a ponta presentificação da aparência ela mesmo sem o ensino ou auxílio adventícios, o que caracteriza justamente todo "fazer". O preparando-a-si-mesmo no sentido da armação, não requer uma figuração; exigisse-o, então isto significaria que um animal não seria capaz de se propagar sem dominar sua própria zoologia³⁷.

o Ente por respeito à sua utilidade num todo de conformidade. A Técnica presentifica o Ente por respeito ao seu empenho e às suas funções na promoção da exploração e do acúmulo de recurso em escala planetária. Um exemplo da destituição do paradigma do *eidos* no versar-se da Técnica e da consequente renúncia da investigação do Ser do ente, é a pretensão da Biofísica contemporânea de se versar meramente sobre o modo possível de intervir diretamente na produção genética deste e dominá-lo através da manipulação do DNA. É preciso que se ressalte aqui que nessa direção a Ciência tem conduzido o homem para um desastre, quem sabe irreversível. Primeiro, porque a Física concebe as suas representações matemáticas das estruturas do Ser vivo como sendo a verdade essencial destes, e não pode fazê-lo diferente, porque o seu propósito é justamente tomar suas representações no sentido de verdades universalmente válidas (contudo, a despeito de sua pretensão de objetividade, o DNA não está se confirmando como o único fator regente da estrutura do ser-vivo -a aprova é que, mesmo no interior da representação matemática da Biofísica, há seres simples que têm revelado um DNA mais complexo que, por exemplo, o do homem). E segundo, porque a Ciência segue na escalada desenfreada de busca de controle e domínio do ente na plena desconsideração das consequências de seu procedimento.

36 HEIDEGGER, M. "Vom Wesen und Begriff..." cit., p. 290.

37 Id.

3.2. O que Aristóteles deixou de considerar no caráter essencial da *physis*, que o levou a contemplar a emergência e constância como o único fator positivo de seu movimento.

O que podemos apreender do procedimento de Aristóteles? Simplesmente que sua distinção entre os caracteres da *poiesis* nos âmbitos da *téchne* e da *physis*, orientada pela perspectiva do fator adventício e nativo do *eidos* em cada âmbito, não poderia levar à fixação pretendida do caráter essencial do Ser da *physis* e da *téchne*. Mais do que ser um modelo adventício ou interno para a *poiesis*, o *eidos* é o paradigma enquanto norma da presentidade posta para o Ente desde o imperativo da concretude produtiva, a qual condiciona tal presentidade em termos de partida e de causa. Não importa se a *physis* tem em si a partida para o movimento, a virada, se tem a *morphé*, o *eidos*, e a *téchne* não os tenha, o que importa é que o preparo de uma e o "fazer", ou dito rigorosamente, a *execução* da outra têm o mesmo fim, qual seja a presença enquanto disponibilidade a qual o Ser ele mesmo enquanto *eidos*, ao se referir ao *lógos*, requer para a *poiesis* de ambas.

Assim, o que teria sido necessário que Aristóteles granjeasse era destituir da presença atribuída ao Ser da *physis* o imperativo da disponibilidade, o que lhe permitiria contemplá-la para além da perspectiva unilateral da presentidade. E porque isto não lhe foi possível uma vez que, na esteira de Platão (cf. nota 25) e já regido por tal imperativo, ele só pôde conceber na presentidade a despresentidade -e esta como uma espécie de privação- ficou fechado para ele o caráter próprio de presentificação da *physis*. Por esse motivo não lhe foi possível conceber a "despresentificação" (o sentido próprio que Heidegger atribui à *stéresis*) enquanto a constante partida da *physis*, desde seu próprio *eidos*, e como a única forma possível de sua gênese. Daí que Aristóteles não tenha podido oferecer, também, uma determinação *positiva* da *ausência* (indisponibilidade) residente no *eidos* da *physis*.

A título de ilustração, contemplamos esta perda do sentido originário da *stéresis* grega, observando como Heidegger interpreta o modo pelo qual Aristóteles explana o fenômeno da *stéresis* enquanto *uma afirmação de caráter denegador*. Heidegger observa: quando se diz, por exemplo "a água é fria", no ver de Aristóteles, se diz ao mesmo tempo, que é negada a ela o calor. O frio entra no *eidos* da água, mas em termos de uma denegação. Este é um exemplo pelo qual Heidegger corrobora que, porque o Ser foi suposto em termos de presentidade ao invés de presentificação, a ausência não foi concebida de modo positivo enquanto co-constitutiva da presença e o Ser da *physis* foi perspectivado *unilateralmente* em termos de uma presença constante -dito mais rigorosamente, enquanto constância do presente (subsistente). No exemplo acima, o calor é concebido enquanto a constância (a *ousía*) para a aparência (*eidos*) da água e o frio, inerente ao seu *eidos*, se limita a aparecer nele como uma denegação possível, em termos de uma privação na constância ela mesma.

3.3. O caráter positivo da *stéresis* na essência do Ser

Como Heidegger recompõe a abordagem (*lógos*)³⁸ que a seu ver seria devida à *stéresis*? Em sua explanação da *Física*, ele procura mostrar que a *stéresis* constitui a essência velada da *physis* ("na *stéresis* se vela a essência da *physis*"³⁹), porquanto aquela guarda em si o caráter necessário da despresentificação enquanto o determinante do modo mesmo de ser da presentificação desta. Este parecer Heidegger procura corroborar tomando duas definições exemplares de Aristóteles sobre o caráter do movimento presentificante da *physis*. Primeira definição: "A armação na aparência é *kínesis*, isto é, virada de algo para algo, virada a qual é em si um 'partir'⁴⁰; segunda definição. "A *morphé* enquanto *genésis* é *hódos*, o a-caminho de um 'ainda-não para um 'não-mais'⁴¹.

O que está em questão em cada uma destas definições do pôr? Na primeira, que o *de algo para algo* da virada (*metabolé*), que caracteriza o movimento poiético da *physis*, é presentificação (partida) permanente porque partida desde si mesmo para si mesmo enquanto um insuperável a caminho, mas enquanto virada é necessariamente *despresentificação* constante. Daí a segunda definição da *morphé*, apontar para o sentido deste a caminho enquanto um advento no entre de um ainda-não e de um não-mais. O exemplo que Heidegger propõe para demonstrá-lo é o seguinte:

A armação na aparência deixa sempre assim presentificar, de modo que, ao mesmo tempo presentifica *na* presentificação uma despresentificação. Na medida em que a florada "irrompe" (*physei*) a borbulha das folhas caem, o fruto faz aparição enquanto a florada desaparece. A armação na aparência, a *morphé*, tem o caráter da *stéresis*, isto significa agora dizer: a *morphé* é *dikhós*, em si dupla, presentificação da despresentificação⁴².

38 Para que se compreenda o sentido próprio da abordagem de uma matéria como a forma ela mesma do *lógos*, para que se veja aí o sentido da vinculação de *lógos* e *eídos* e se perceba nisso a medida própria em que ambos se dão como paradigma e, nesses termos, enquanto *arché* (partida e orientação) na estrutura da presentificação do Ser do ente, observe-se esta exposição de Heidegger: "*Lógos* no sentido do acesso: mostrar uma matéria assim e assim, invocá-la assim e assim. No abordar, a matéria, assim invocada, aborda; no mostrar, ela se mostra como ela é. Resulta do modo como uma matéria é invocada, abordá-la no modo correto cá desde ela mesma. *Lógos*, tomado nesta segunda significação é a pretensão do teor material que uma matéria concede à invocação. Assim, muito frequentemente o *lóγος* será idêntico ao *eídos*. *Lógos* significa pretensão, aquilo que uma matéria concede, e ela concede cá à abordagem correta isto como ela aparenta, o que ela é." (Cf. HEIDEGGER, M. *Grundbegriffe der aristotelischen...* cit., p. 255.).

39 HEIDEGGER, M. "Vom Wesen und Begriff der *Physis*. Aristoteles, *Physik* B, 1". cit., p. 297.

40 Id.

41 Id.

42 Id.

Agora veremos com mais clareza que a distinção pretendida por Aristóteles entre a *poíesis* da *téchne* e a da *physis* Heidegger, orientado por Aristóteles ele mesmo, a consuma assumindo precisamente o caráter positivo da *stéresis* da *physis*. Na *téchne*, a *stéresis* se mantém como uma forma de despresentidade porque o movimento da *poíesis* aí é apenas o de presentificar sob a forma da figuração (não há virada permanente de algo para algo desde a partida). E porque o movimento da *poíesis* na *téchne* cessa precisamente ao consumir a presença -a *téchne* tem que renunciar a si mesma ao instalar o seu Ente na aparência- o expedido (pronto) mantém seu movimento, a respeito de suas possibilidades, fora dela. A *physis*, em contrapartida, permanece na instalação do Ente que procede dela mesma para ela mesma, e permanece aí em termos de uma virada permanente -portanto, de uma presentificação despresentificante. Enquanto tal permanente, a *physis* é uma forma de *entelécheia*, um permanente expedido. Daí que nela o ente seja, de algum modo, sempre preparado em seu movimento no interior dela. Aristóteles concebeu a *physis* enquanto *entelécheia*, mas apenas porquanto concebeu que ela se mantinha junto ao seu ente levado à presença, isto é, ele considerou que o *ter-se-no-telos* (*en-tel-écheia*) da *physis* era na verdade o ter-se em si mesma. Heidegger, por sua vez, compreendeu o caráter de *entelécheia* da *physis* já em função do sentido próprio de sua permanência: um permanente presentificar despresentificante. Vejamos como Heidegger o esclarece:

A *physis* é uma forma da *entelécheia*, isto é, *ousía*, e na verdade o preparar a si -desde si, para si. No a-caminho essencial, contudo, se torna um preparado (não um feito), por exemplo, a florada se furta através do fruto. Mas neste furtar-se, a instalação na aparência, a *physis*, não renuncia a si; ao contrário: enquanto fruto a planta retorna à sua semente, que em sua essência não é nada de outro que o emergir na aparência⁴³.

Com a citação acima, procuramos dar acabamento à demonstração de Heidegger do sentido essencial da despresentificação, isto é, da *stéresis*, na estrutura de presentificação do Ser por respeito à sua gênese e à sua verdade. Mas o nosso intuito foi também o de propor um ponto de partida desde o qual Heidegger pôde pretender buscar um outro Princípio para a abordagem do *Seyn* fora dos parâmetros da entidade. Assumindo a *despresentificação* (desde o início, ainda suposta apenas por respeito ao Ente, vimos o exemplo da gênese da flora) enquanto o fundamento da presença, Heidegger tomou nela o ponto de partida para o novo Princípio de abordagem do *Seyn* enquanto

43 Id.

Acontecimento⁴⁴ -neste aqui o *Seyn* tem finalmente o seu fundamento possibilitado em termos de um *a*-fundamento⁴⁵, o que significa, em síntese, sobre Ente nenhum. Não vamos, contudo, discutir este novo Princípio no corpo deste Ensaio. Antes, considerando o contexto de instauração da Metafísica suficientemente apresentado, seguiremos daqui para contemplar a Maquinação, esperando poder apreciá-la com clareza acerca de seu desdobramento e, sobretudo, de seu modo de configurar o Nihilismo no Pensamento moderno.

Vejamos agora, portanto, como Heidegger explana o modo próprio do desdobramento da Maquinação no contexto metafísico moderno do Ser.

4. As consequências da redução do Ser à entidade do ente para a sua apreciação em termos de Maquinação. Partida para a compreensão da transmutação histórica do Ser em Poder

A partir do que foi posto em discussão até aqui, fica claro que a apreensão do caráter emergente da *physis* em termos de concretude produtiva deixou a Metafísica impedida de conceber o fundo da proveniência de tal emergência. Antes sua investigação do Ser precisou se orientar de partida pela perspectiva da pura e simples presentificação, a qual ela, determinada pela requisição de disponibilidade do ente, concebe em termos de presentidade, isto é, prontidão. Portanto, o que ficou por considerar no Pensamento do *Seyn*, caso se pretenda ter ainda a *physis* em consideração? Precisamente a *imergência* (a despresentificação) atinente ao seu caráter emergente, o fundo, o princípio, desde o qual ela é enquanto emergente e para onde volta continuamente enquanto emerge e permanece emergida. Contemplada desde a imergência, a *physis* perde o direito, por assim dizer, de se oferecer enquanto fundamento para o ente ou paradigma para o seu fundamento. Uma vez que ela não pode mais valer enquanto entidade ou paradigma para tal, impõe-se então a questão acerca do fundamento de sua presentificação ela mesma.

44 Para o esclarecimento da tradução da palavra alemã *Ereignis* por "Acontecimento", tanto por respeito às etimologias dos termos nos dois idiomas, tanto ainda no tocante ao caráter temporal atribuído por Heidegger ao conceito por respeito à estrutura da compreensão e da verdade (clareira), cf. RUTIGUANO, F. "Heidegger e o Diálogo: O Percurso de uma discussão fenomenológica na qual o fenômeno da serenidade é apresentado enquanto o constitutivo da essência o pensamento", in *Revista Portuguesa da Filosofia* 73, 2017, notas 30 e 52.

45 Entendemos que quando Heidegger apresenta o termo *Abgrund* (abismo) separando o prefixo do radical ele pretende justamente denotar o sentido de um *a*-fundamento, ou seja, de uma ausência-de-fundamento no ente para o *Seyn* ele mesmo.

Já se o indicou acima que o contexto problemático em questão, no estabelecimento da concretude enquanto princípio para a abordagem do Ser, é precisamente aquele da transcendência do Ser e do comportamento intencional do *Dasein*. Por respeito à transcendência, o Ser ficou atido ao ente, na medida em que a diferença se colocou apenas em termos de entidade, ou seja, a diferença não foi pensada por respeito a diferenciação do Ser em Tempo (clareira e ocultação), mas apenas reportada à distinção de Todo e singular, ambos apreendidos pela perspectiva da concretude. Por correspondência, o comportamento intencional do *Dasein* enquanto preparador teve que se configurar em termos de articulação do Todo e do singular, no ente ele mesmo enquanto aprontamento e ordenação pura e simples. Aqui reside o princípio o mais originário da Maquinação do Ser, qual seja, o aprontamento requerido enquanto disponibilização, que constitui o caráter próprio da *poiesis* da *techné*: "o Ser enquanto concretude do concreto se determina aqui a partir do produto (*Werk*)"⁴⁶ (cf. nota 29). Com isto, ele concedeu o fundamento metafísico da transcendência e da intencionalidade aí implicadas.

Nesta perspectiva, portanto, se ancora o comportamento preparador, para o qual cada ente tem já que se manifestar de modo unilateral a partir do que nele se presentifica enquanto pronto, disponível para o emprego ou passível de se tornar disponível. E é sob esta orientação, ou melhor, desorientação originária, que o Ser do Ente será apreendido, na interpretação posterior da Obra de Aristóteles, em termos de ato e potência (aquele, correspondendo unicamente ao Ser e esta, ao Devir) -ver-se-á no curso da questão do Ser, na Modernidade, que o Devir, o ainda-não e o já-não constitutivo do movimento de presentificação da concretude, ganhará proeminência sobre o Ser, configurando, assim, a fase plena da Maquinação. Isto justamente pelo lugar que ocupará o projeto da disponibilização do Ente no propósito do Pensamento metafísico ao se consumir enquanto Técnica. A Maquinação descobre o "concreto" (Ser) no Devir (despresentificação potente), mas somente na medida em que ela se orienta sob a meta do planejamento e planificação pretendidos enquanto a concretude ela mesma -o que será explicado adiante.

5. O princípio da incondicionalidade no fundamento da Maquinação estabelecida em definitivo no despontar da Era moderna

Do que foi exposto acima, foi possível concluir que o fenômeno da Maquinação se instaura na história enquanto forma determinante do Saber e de suas praxes a partir da contemplação do Ente no horizonte da presença e constância da *physis*, apreendidas unilateralmente *por motivo da* disponibilidade -a Maquinação instala-se, portanto,

46 HEIDEGGER, M. "Die Metaphysik als Geschichte des Seins". cit., p. 400.

enquanto determinante da forma do trato com o ente e, por extensão, enquanto instituinte da *função* mesmo de sua verdade.

A desconsideração da despresentificação na presentificação da *physis*, ocultou o fundamento agônico de sua emergência. Isto deu margem a conceber o caráter emergente de sua disponibilidade enquanto espontaneidade. No curso do Pensamento metafísico na Modernidade, a espontaneidade veio a caracterizar a essência da Vontade, a qual obteve sua determinação enquanto Liberdade. Em que termos se deu tal caracterização? Precisamente em termos de *incondicionalidade*. Aqui reside o fundamento do sentido da determinação negativa da Liberdade, qual seja, o não constrangimento a nada por nada. É na via desta interpretação da *physis*, orientada por sua determinação unilateral enquanto presença, que uma *vontade incondicional de disponibilização* vem a se consumir historicamente na configuração própria da entidade do Ente -a recém nascida Ciência matemática da natureza (Física) emerge neste contexto perspectivo, concedendo a possibilidade de antecipar de modo calculado a experiência com a Natureza; instala-se a partir de então o Matemático enquanto forma privilegiada do Saber. O que é, portanto, nessa via de contemplação que é atribuído ao caráter essencial do Ser do ente? Nada menos que o Poder. É sob esta estampa que devemos compreender o fenômeno denominado como Vontade *para* o Poder. Vejamos isto.

5.1. O imperativo da concretude no movimento de fundamentação do fundamento inaugurado com a Modernidade

Sob o pressuposto da espontaneidade da emergência da *physis*, a concretude visada na presença e constância do Ser, veio a ser apreendida em termos de incondicionalidade para a disponibilidade. Disto resulta que a concretude, a qual já era apreendida em termos de concretização do concreto, para além de paradigma, se torna então um imperativo. E deve projetar desde si o seu imperativo enquanto o asseguramento de sua possibilidade ela mesma. O asseguramento da possibilidade da concretude iniciado pela Física, ganha sua determinação metafísica no contexto, inaugurado por Descartes, do novo pensamento do Ser, o qual se determina enquanto exigência de fundamentação do fundamento. A partir do advento do ego cogito, nenhum fundamento pode mais se validar por convenção e se apoiar na Traição. O fundamento verdadeiro é o que pode apresentar a sua fundamentação, ainda que extraída de deduções lógicas, como é o caso da fundamentação de Deus. Portanto, a concretude, o Ser, deve projetar o seu imperativo enquanto auto-asseguramento e auto-fundamentação de si mesmo. Isto deve ser mantido

em vista para a compreensão da explanação que Heidegger propõe da *Vontade para o Poder* de Nietzsche.

A explanação que Heidegger faz da concepção de Nietzsche do Poder dá a medida precisa da instalação deste no Ser. Em sua perspectiva, Poder é, para Nietzsche, o *comando* auto-atribuído à forma essencial da concretude, enquanto imperativo de disponibilidade, como condição mesmo de seu asseguramento, permanência e ascendência -o comando incondicional é o caráter próprio do autocondicionamento do Poder que se pretende incondicional. Vejamos como Heidegger o expõe:

Comandar é o ser Senhor do dispor sobre as possibilidades, os caminhos, os modos e meios do concretizar empreendedor (*handelnden Wirkens*). O que no comando é comandado é a consumação do dispor. No comando, o comandante obedece a este dispor e, assim, obedece a si mesmo. Desta forma o comandante é superior a si mesmo, na medida em que abalança-se a si mesmo⁴⁷.

Portanto a incondicionalidade atribuída à concretude se revela o meio mesmo da auto-habilitação do Poder enquanto comando, isto é, assenhoreamento da disponibilidade requerida por a ele mesmo. Nesta perspectiva, a *Vontade* constitui o caráter incondicional do Poder em termos de auto-outorga da concretude ela mesma para comandar o seu dispor de modo irrestrito. Podemos dizer, então: a *Vontade* é a incondicionalidade do próprio Poder requerida pelo Poder ele mesmo em vista de sua conservação e elevação enquanto Senhor incontestado da disponibilidade. E nestes termos *Vontade para o Poder* é auto reiteração da incondicionalidade (*vontade*) e do Senhorio (*Poder*) enquanto comando e auto-assenhoreamento da disponibilidade.

É com este sentido em vista que Heidegger aponta para o significado transitivo da preposição *zu* na composição do conceito: *Wille zur Macht* por Nietzsche. Seu intuito é levar o estudioso a compreender que a *Vontade* não se deixa definir nem em termos de aspiração e desejo de Poder nem é ela mesmo o Poder. Enquanto incondicionalidade, ela se *unifica na mesma essência* do Poder porquanto este mesmo, enquanto concretude, a exige para consumir o seu comando de disponibilidade incondicional. A *Vontade* segue para o Poder, mas precisamente desde o imperativo do Poder ele mesmo. Em termos mais claros: a incondicionalidade *segue para* a concretude, contudo, desde a concretude ela mesma enquanto condição incondicionada do seu elevar-se e conservar-se enquanto tal⁴⁸.

47 HEIDEGGER, M. "Nietzsches Metaphysik" (1940), em *Nietzsche. GA 6.2*. cit., p. 265.

48 Observamos aqui que na estrutura do Poder, a incondicionalidade é já uma contradição: uma incondicionalidade que é ao mesmo tempo condição para si mesma. Tal contradição tem eco nos

A conservação e a elevação (sustentadas na incondicionalidade) do Poder configuram a essência unitária da Vontade e do Poder.

5.2. A Maquinação e o requerimento da calculabilidade enquanto um dos meios de mascaramento da violência impressa na auto-outorga do Poder: o surgimento da Técnica moderna

O imperativo da incondicionalidade para a elevação e conservação do Poder é uma condição posta pela *Vontade para o Poder* ela mesma, enquanto a auto-outorga do Poder para dispor e autodispor do Todo incondicionalmente e, só assim, manter-se enquanto Poder. Tal imperativo é, assim, uma imposição residente na essência unitária da *Vontade para o Poder*. Heidegger o esclarece nestes termos:

O Poder só pode, na medida em que ele se torna Senhor por sobre os níveis do Poder sempre alcançados. Só então é Poder, e pelo tempo que permaneça aumentando o Poder e se ordene imperativamente o mais no Poder, ele é Poder. Já a mera pausa no aumento do Poder, o permanecer parado sobre um nível do Poder põe o começo da impotência. À essência do Poder pertence a sobrepujança (*Übermächtigkeit*) dele mesmo. Esta corresponde ao Poder ele mesmo, na medida em que é comando e enquanto comando se outorga (*ermächtigt*) a si mesmo a sobrepujança dos respectivos níveis do Poder. Assim, o Poder está constantemente a caminho "para" ele mesmo, não apenas para um nível do Poder mais avançado, mas para o apoderamento (*Bemächtigung*) de sua pura essência⁴⁹.

Heidegger segue esclarecendo que para se conservar e se elevar, o Poder precisa antes assegurar o próprio nível a sobrepujar, enquanto meio para tal. Só assim a elevação do Poder pode se configurar, ao mesmo tempo, como o meio de sua manutenção. A exigência de se elevar e se conservar reside, como foi dito, no Poder ele mesmo enquanto condição posta à sua auto-outorga de sobrepujança, o que significa sempre a reiteração de sua incondicionalidade, isto é, Vontade -condição esta que concerne justamente à possibilidade de fundamentação de sua verdade⁵⁰. Como ocorre esse asseguramento dos

Sistemas de determinação do Concreto de Hegel e de Marx, como eles mesmos apontam, aquele com respeito à Razão especulativa, este com respeito à Razão político-econômica.

49 HEIDEGGER, M. "Nietzsches Metaphysik". cit. p. 266.

50 Vemos aqui que o projeto moderno de fundamentação do fundamento não logra jamais seu êxito. O Sujeito se fundamentou na mera evidência ôntica do eu penso, o qual ele próprio restou sem fundamento, e o Poder se pretende fundamentar no mero exercício de poder. O que se perde a partir da Modernidade com o advento da estrutura *Sujeito-Objeto* e a sua posterior substituição

níveis da sobrepujança do Poder? Precisamente em termos de *luta* de auto-superação. Observemos como Heidegger o diz:

À sobrepujança pertence aquilo o que é superado (*überwunden*) enquanto os respectivos níveis do Poder. Aquilo a ser superado (*Überwindende*) deve pôr uma resistência e, por isso mesmo ser um constante que se atém e se conserva. Mas também o que supera deve ter uma posição (*Stand*) e ser firme (*standhaft*), de outra forma não poderia nem ir além de si mesmo nem permanecer na elevação sem oscilar e nem assegurar a sua possibilidade de elevação⁵¹.

Uma vez que tal imperativo de sobrepujança, não poderia se dar sem resistência, ele deve implicar necessariamente em violência. Esta aqui se configura na aniquilação dos poderes sobrepujados. Sobre isto Heidegger nota:

A sobrepujança (...) traz atrás de si um nível e uma amplitude de poder sempre alcançados (a aniquilação pertencente ao Poder enquanto forma prévia da incondicionalidade de sua devastação essencial)⁵².

Mas tal violência precisa ser mascarada permanentemente em nome da própria incondicionalidade (liberdade) do Poder. Seu mascaramento é um outro fator de condição para manutenção do Poder. Para que compreendamos na íntegra a forma própria do mascaramento da violência oculta no Poder precisamos desmembrar completamente a estrutura *do* auto-asseguramento do Poder.

Em primeiro lugar, Heidegger esclarece, ainda no curso da explanação da *Vontade para o Poder* sob a perspectiva de Nietzsche, que as condições de conservação e elevação impostas pelo Poder a si mesmo, já são elas mesmas pontos de vistas. O que significa ponto de vista nesse contexto problemático? Ponto de vista aqui significa a "'pontuação de um ver peculiar"⁵³. Um ver que pontua, que estabelece marcos, o qual toma sua

pela estrutura *Reserva* promovida pela Armadura? Nada menos que o problema do Saber ele mesmo. Não podemos esquecer que a incondicionalidade da vontade corresponde justamente à forma pretendida para o Pensamento moderno: eu quero eu penso, eu penso eu quero (Kant). Uma vez que o Poder assume a face do Ser enquanto concretude produtiva, vemos que a auto-outorga do Poder amparada na Vontade corresponde precisamente à incondicionalidade pretendida por um Pensamento, desafiado pelo Ser ele mesmo a ser apreendido enquanto Poder: este é o sentido essencial da consciência produtiva. E nesse contexto, o Saber fica reduzido à forma da consciência, forma esta que se estabelece enquanto Lógica e finda por se transmutar em logística, a qual é a face consumada da Técnica ela mesma.

51 HEIDEGGER, M. "Nietzsches Metaphysik". cit., p. 270.

52 HEIDEGGER, M. *Besinnung*. GA 66. Klostermann, Frankfurt Am Main, 1997, p. 20.

53 HEIDEGGER, M. "Nietzsches Metaphysik". cit., p. 268.

perspectiva do que Nietzsche chamou "as formações complexas da duração relativa da vida em meio ao Devir". Eis aqui a feição essencial da *calculabilidade* requerida pela Maquinação. Vejamos.

5.3. A calculabilidade na base da cessão do panorama sobre o Devir

Calculabilidade: a característica essencial de um ver preponente de pontos de vista, um tal ver que estabelece marcos e "dá a si o Panorama (*Ausblick*) sobre o Devir"⁵⁴ -este aqui significando pura e simplesmente a "excedência potente dos respectivos níveis do Poder (...). Devir supõe a mobilidade reinante da Vontade, a partir dela mesma, para o Poder enquanto o caráter fundamental do Ente"⁵⁵. E como tal ver procede à doação do panorama sobre o Devir?

Em primeiro lugar, é preciso que fique claro que o ver preponente de pontos de vistas, esse ver peculiar (calculador, antecipador), é o ver da própria Vontade para o Poder. Lembremos que a incondicionalidade, o requisito prévio para o Poder, é ao mesmo tempo a requerente *do* e a requerida *pelo* Poder. Daí que o ver da Vontade sobre o Devir tenha o caráter de uma prospecção e uma transpecção (um ver prévio e através) dos poderes da Vontade *para* o Poder com o único intuito de que esta Vontade seja enquanto tal. E o que ela é? É outorga "pro-spectante e trans-spectante (*vor-und durchblickend*) (calculada) para a sobrepujança "⁵⁶ do Poder.

Tendo presente que o termo "perspectiva" no vocabulário de Nietzsche significa transpecção (ver através), e que, portanto, os pontos de vista são marcos no Panorama das condições de conservação e elevação do Poder, do Devir ele mesmo, e considerando ainda que Nietzsche concebe tais pontos de vista, em sua época, em termos de *Valor*; com isto em vista, procuremos compreender agora o sentido do que ele nomeou "as formações complexas da duração relativa da vida em meio ao Devir". Tais formações, a saber, Religião, Ciência, Arte, Política, etc., são campos de instituição e preparo das vias de transmissão e das Instituições organizadoras do Poder, formadas pelas condições elas mesmas de auto-asseguramento do Poder. Enquanto meios de reproduzir e viabilizar o Poder, estas formações se constituem elas próprias enquanto Valor -A Cultura pretende a instrumentalização de tais Valores enquanto recursos inerentes a ela própria; daí que fique sempre incompreendido o fundamento fenomenológico de tais formas complexas.

54 Id.

55 Id.

56 Ib., p. 269.

5.4. A amplitude da calculabilidade concebida pelo viés do Valor

O que é o valor na concepção de Nietzsche? Com esta questão chegamos ao ponto nodal onde Heidegger situa a estrutura na qual se configura a consumação da Maquinação na Modernidade, dando surgimento à Técnica moderna.

O movimento de abertura da forma de auto-asseguramento do Poder foi procedido até aqui com o intuito de esclarecer os modos do mascaramento da violência oculta no Poder; a interpretação de Heidegger da estruturação do Valor na Obra de Nietzsche mostra a amplitude desse mascaramento implicado nos meios de outorga da Vontade à sobrepujança do Poder, através dos "pontos de vista" de sua conservação e elevação. O Valor revela aqui o caráter próprio de tal conservação e elevação. Por que o Valor se estabelece enquanto determinante do Devir ele mesmo? Porque o Valor constitui precisamente a determinação calculista do ver preponente, isto é, da perspectiva -Valor é pontuação e medida pré-vistas e pré-postas enquanto o constituinte do Panorama sobre o Devir. O Valor guarda a feição própria da calculabilidade. Daí que a sobrepujança pretendida pelo Poder assuma a forma da Técnica. Onde podemos partir para vê-lo? Precisamente daqui:

A Maquinação requer nos diversos mascaramentos da violência a calculabilidade da outorga que subjuga o ente para o arranjo disponível; a partir deste requisito essencial, mas, ao mesmo tempo, oculto surge a Técnica moderna⁵⁷.

Nós sabemos que a calculabilidade Heidegger a concebe em seu caráter essencial em termos de um contar com... contar sobre... Contar com e sobre o que? Com e sobre o auto-asseguramento do Poder (É bem nesse sentido de "contar com..." que ele interpreta da definição que Aristóteles concede ao tempo, qual seja, o "contado no movimento segundo um antes e um depois"). Esclarecendo o caráter propriamente trans-spectante da perspectiva enquanto o ver panorâmico das condições de conservação e elevação do Poder, Heidegger observa em referência permanente à Obra de Nietzsche *Vontade para o Poder*:

Em tal ver (*sehen*) os 'pontos de vista' postos são enquanto condições, de tal forma que deve ser contado (*gerechnet*) sobre e com eles. Eles têm a forma de "números" e "medidas", isto é, de valores. Valores "são por toda parte redutíveis aquela escala de número e medida da força" (*Vontade para o Poder*, 710). Força Nietzsche compreende sempre no sentido de Poder,

57 HEIDEGGER, M. *Besinnung*. cit., p. 17.

isto é, enquanto Vontade para o Poder. O Número é essencialmente "forma perspectivista" (*Vontade para o Poder*, 490), com isto está ligado ao ver próprio à Vontade para o Poder, ver que, segundo sua essência é o contar com valores. O "Valor" tem o caráter dos "pontos de vista". Os valores não valem e não "são" "em si" para se tornarem então ocasionalmente "pontos de vista". O valor é essencialmente o "ponto de vista" do ver potente-calculador (*machtend-rechneden*) da Vontade para o Poder (*Vontade para o Poder*, 715)⁵⁸.

Com esta explanação do Valor enquanto forma calculável da conservação e elevação do Poder, isto é, do asseguramento de sua sobrepujança incondicional, vem à tona a figura consumada da Maquinação na Era moderna, e dos modos característicos de sua violência oculta. Heidegger observa que Nietzsche designa enquanto Valor não apenas os pontos de vista calculáveis em seus níveis de garantia do asseguramento do Poder, que formam as tais formações complexas, mas ainda estas próprias. Foi o que apontamos acima contemplando o seu próprio contexto de emergência. Antes de considerar tais formações por respeito ao papel que ocupam na consumação da violência característica da Maquinação na fase do seu acabamento, façamos um desvio para ver como Nietzsche, por um lado, apreendeu a Vontade para o Poder na formação histórica do Pensamento metafísico, mas, por outro, a interpretou e a projetou para o Pensamento grego já na perspectiva da subjetividade.

6. A determinação metafísico-substancial-subjetivista de Nietzsche concedida à Vontade para o Poder

Apontamos acima em que termos a incondicionalidade requerida para a concretude obteve a sua caracterização enquanto Vontade, a partir da determinação negativa da Liberdade inerente a ela em termos de não constrangimento. Isto não reside no Pensamento Grego, onde a Vontade pertence à ordem do *lógos*, o qual não se identifica com a Razão moderna; daí que Platão e Aristóteles não tenham concebido o Ser em termos de *Vontade para o Poder*. Entretanto, Nietzsche não inventa a *Vontade para o Poder*, ele apenas assume a caracterização cristão-medieval da Vontade em termos da incondicionalidade da vontade Divina e projeta esta Vontade incondicionada na ideia do Poder (este apreendido a partir da requisição de incondicionalidade do Ser em termos de disponibilidade disponibilizante, ou seja, da concretude produtiva).

58 HEIDEGGER, M. "Nietzsches Metaphysik". cit., p. 268.

Se Heidegger nota e pontua permanentemente em sua explanação da *Vontade para o Poder* o caráter calculador do Valor, antes que propriamente o seu caráter moral, como de fato é o que prevalece no discurso de Nietzsche, é precisamente porque entende que Nietzsche viu mais adiante do que pôde compreender, restringido como estava pela configuração cristã dos Valores. Nietzsche de fato negou tais Valores sem lograr ver que sua configuração incondicional marcava apenas uma *epoché* (uma abertura do Ser ele mesmo na qual este se destina enquanto Poder e aí se atém⁵⁹). A configuração cristã dos Valores faz parte do encobrimento da violência implicada na essência da Maquinação, no que concerne aos meios de conservação e elevação dos *níveis* do Poder. Os Valores passam a configurar esses níveis de sobrepujança do Poder até ao ponto de estabelecer a incondicionalidade absoluta dele numa figura Divina, ela mesma uma incondicionada concretude criadora, isto é, concretizante.

Se, por um lado, Nietzsche desmarcara todas as formas de violência da Maquinação, revelando o Niilismo enquanto a lei e a "lógica" interna da Metafísica a partir da explanação de todos os seus estágios na história passada e vindoura do Pensamento, por outro, ele perde a luz no aprisionamento desse transmutante Tifão, ao concebê-lo, tanto na perspectiva da substancialidade (extraída da interiorização pretendida para o *subiectum* medieval, sob o qual o *hypokeímenon* grego foi interpretado⁶⁰) quanto na perspectiva da subjetividade moderna, em termos de Moral, não chegando a considerar que esta aqui constitui apenas mais uma figura alegórica, entre outras (o nacionalismo, por exemplo) da calculabilidade ela mesma, em vista do encobrimento da violência posta na escalada do Poder para si mesmo. Daí que Nietzsche fique detido sobre os escombros do monstro abatido por ele. Todos os seus passos no estabelecimento das fases históricas do Niilismo a saber: 1) a introdução dos Valores supremos (quando ele determina o *agathón* grego enquanto Valor) e sua falsificação em termos de ideais supra-sensíveis do Verdadeiro, do Bem e do Belo válidos em si; 2) a desvalorização e destituição desse

59 "Ater-se em si significa em Grego, *epoché*. Daí o discurso que fala de épocas do destino do Ser. Época não supõe aqui um lapso de tempo no ocorrer, supõe antes o traço fundamental do destinar, o respectivo ater-em-si dele mesmo, em favor da perceptibilidade do dom, isto é, do Ser, por respeito à fundamentação do ente. A sucessão das épocas no destino do Ser não é nem causal nem se deixa calcular enquanto necessária. Não obstante, o destinável no destino se manifesta o associado à comum pertença das épocas. Este se recobre em sua sequência, de modo tal que o destinamento primordial do Ser enquanto presentidade é ocultado mais e mais sobre diferentes maneiras" (Cf. HEIDEGGER, M. *Zeit und Sein*. Niemeyer, Tübingen, 1967. p. 7)

60 Para conferir a história da substância desde a configuração do *hypokeímenon* grego pelo *subiectum* medieval até a transformação deste no *subjectum* moderno, cf. HEIDEGGER, M. "Die Metaphysik als Geschichte des Seins". cit., pp. 429 ss e 450 ss. Para compreender ainda a caracterização deste último enquanto a ipseidade do ego Cf. HEIDEGGER, M. *Sein und Zeit*. GA 2. Klostermann, Frankfurt Am Main, 1977, p. 153.

Valores; 3) a consequência temporária do não-Valor do Mundo; 4) a necessidade de substituição dos Valores até então prevaletentes por novos Valores; 5) a nova instituição do Pensamento enquanto transvaloração de todos os Valores; 6) os estágios preliminares desta transvaloração⁶¹; todos esses passos configuram a sua projeção para o Ser enquanto uma inversão do platonismo.

Contudo, o plano histórico aberto por Nietzsche ainda do interior da Metafísica ela mesma deu a ver a Heidegger, em termos de pros-pecção e trans-specção dos marcos, isto é, das perspectivas calculistas dos níveis de sobrepujança do Poder, a forma de sua consumação em Técnica.

7. A Armadura (*Gestell*)⁶²: a face extrema da Maquinação

Dissemos acima, que a armação, desde os Gregos, tem o sentido próprio do seu Ser enquanto um pôr pré-configurado por uma requisição. O Ser, apreendido nos primórdios do Pensamento, em termos de presença, se requereu ao *lógos* enquanto disponibilidade. Esta aqui constituiu o elemento para a coalizão da armação e do *eídos* da presença -daí que a *enérgeia*, enquanto a qual Aristóteles pensou a presença, tenha sido configurada em termos de concretude (*actio*, desde a perspectiva medieval), resultando, portanto: concretude é disponibilidade. Tal requisição determinou o caráter próprio da concretude (Ser) em termos de Maquinação. A partir da modernidade, com a obtenção da incondicionalidade projetada sobre a disponibilidade da presença, a melhor interpretação para a Maquinação se torna a de *execução* irrestrita. A concretude enquanto disponibilidade incondicional é execução irrestrita de si mesma (o que significa, em termos essenciais, devassa e devastação). Com a possibilidade aviada pela própria Maquinação de calculabilidade de sua auto-outorga para o arranjo da disponibilização (ordenação e controle) do Ente, isto é, do subsistente, a requisição característica da antiga armação ganhou uma configuração inteiramente nova, balizada pela recém nascida *Física*. A requisição clássica de disponibilidade transmutou-se num desafio à Natureza de armazenamento e entrega de recursos. E uma vez que o homem emerge neste contexto

61 Para conferir esta sequência dos estágios do Niilismo, HEIDEGGER, M. "Nietzsches Metaphysik". cit., p. 278-279.

62 Traduzimos anteriormente a palavra alemã *Gestellung* com a palavra portuguesa "Armação" e a palavra *Gestell*, a traduzimos agora, com a palavra "Armadura", compreendendo ambos os termos dos dois idiomas no sentido de: Contextura, conexão, travessão das partes entre si (este é o sentido com o qual Heidegger visa o verbo *stellen*, pôr), mas indicando no segundo, o sentido contendor nele subjacente -a Armadura constitui a exigência desafiadora do Ser que requer o homem e a Natureza enquanto Reserva e Recurso.

enquanto Sujeito-agente, isto é, assumindo o caráter prioritário da substância, qual seja, o fundamento, ele se torna o primeiro requerido para tal desafio por parte do Ser ele mesmo. Assim o recém-nascido homem faz entrada na história moderna simultaneamente enquanto o explorado e o explorador.

Com a *Física*, pela primeira vez, se apresentou a possibilidade de uma previsão garantida do comportamento fenomenal da Natureza; tornou-se possível o que até então não era concebível: a determinação a priori dos efeitos de cada causa natural e de cada intervenção humana na todo da Natureza. Esta previsibilidade calculada, abriu a perspectiva de um controle e dominação absolutos do Ente. Foi nesta perspectiva que surgiu a Técnica moderna enquanto o modo hegemônico da manobra do concreto. Desde então, a disponibilidade não é mais apenas requerida ela se tornou exigida (tornou-se imperativa como o dissemos acima) – o desafio dá a feição dessa exigência. Consuma-se no desafio o assenhoreamento do Poder sobre si mesmo. Está claro, portanto, que a Técnica não é um meio ou um instrumento da execução de tal desafio, ela é antes um modo do Ser, isto é, do Poder se arranjar enquanto o desafiante que ele é. Heidegger aponta a configuração própria do projeto da Maquinação de controle e dominação absolutos do Ente:

(...) Maquinação - Poder - sobrepujança (...) *Arranjando-se sobre a sujeição incondicional a todo Poder para ela* (...) A sujeição ao Poder de tal modo que ela essência a sobrepujança enquanto devastação incondicional⁶³.

No início da Modernidade, com respeito ao conhecimento, a Maquinação guarda ainda o sentido de determinação do *koinón* (o comum a muitos) característico da articulação inicial da *morfé* e do *eídos*, (estamos aqui ainda no plano da estrutura do conhecimento do Ente nele mesmo); ainda aí o *koinón* sustenta sua referência histórica enquanto expansão e afirmação da outorga do Poder, já na figura do conhecimento sob o pressuposto da reportagem Sujeito-Objeto. Mas com a afirmação da Técnica moderna em termos de Técnica da informação muda a ideia do Saber e do conhecimento e a problemática do *koinón* fica em certo sentido obsoleta. Em seu Ensaio *A História do Seyn*, Heidegger indica a necessidade de pensar a Maquinação para além do *koinón*:

O saber da Maquinação em sua pura essência, não apenas o discernir a essência histórica do *koivón* enquanto expansão e afirmação da outorga (*Ermächtigung*), mas a Maquinação para além ainda do *koivón*⁶⁴.

63 HEIDEGGER, M. "Nietzsches Metaphysik". cit., p. 278-279.

64 HEIDEGGER, M. *Die Geschichte des Seyns*. cit., p. 47.

Por que para além do *koinón*? Porque, se não está mais em questão o conhecimento do Ente em seu Ser, e nem a fundamentação do fundamento da verdade (quando então se inaugurou o pressuposto do Sujeito do conhecimento), só resta então ao Pensamento a questão do *como* da obtenção das formas do dispor, controlar e organizar o concreto e do domínio das massas produtivas, tudo isto circunscrevendo o sentido do Ser enquanto Reserva. A questão da adequação suposta para a verdade fica reduzida ao tratamento dos dados obtidos desde a própria produção do Ente ele mesmo, como modo da articulação prática de tais dados.

Assim, no curso da história moderna do Ser, a Armadura dá a dimensão derradeira da Maquinação em sua forma de essenciar a sobrepujança do Poder em sua consequente sujeição incondicional do Ente e, por extensão, de sua devastação inexorável.

7.1. O procedimento da Técnica

A partir da Técnica, quando a requisição de disponibilidade se transmuta em desafio de recurso e reserva, a Armadura se torna a forma hegemônica da auto-sobrepujança do Poder; agora o desafio de armazenamento e recurso projetado sobre o todo, visa a possibilidade de planificação calculada de arranjo e controle do Ente no todo. Tudo deve vir à presença enquanto recurso e reserva em vista do fomento do Poder, que toma a figura da Economia. "Tudo deve vir à presença", significa aqui, tudo deve ser *sabido* enquanto recurso e reserva de recurso. A Técnica se confirma portanto enquanto a nova forma do Saber do Ente enquanto tal. Visada enquanto recurso e armazenamento, a Natureza, se torna campo de mineração, de agropecuária, de extração de madeira, de energia, de implementação do turismo, etc. O que o homem moderno é capaz de ver ainda enquanto Natureza é já apenas um mero recorte de um tal campo de recurso empregado para o seu recreio e repouso.

Como já se o apontou, o homem, ele mesmo inserido no projeto desafiante da Natureza, ocupa o lugar simultâneo de desafiado, desafiante, instrumento e recurso para o desafio. Enquanto o desafiado, ele é condicionado a compreender e, assim, abordar o Todo em termos capacidade produtiva, isto é, em termos de medida de desempenho puro e simples; ao mesmo tempo enquanto recurso, ele é organizado e controlado enquanto Massa produtiva e consumidora. Enquanto instrumento da Técnica, o homem fomenta o projeto do Poder, construindo e gerenciando as grandes instalações necessárias para o abrigo, transmissão e circulação dos recursos exigidos para o arranjo e controle das Massas organizadas, enquanto desafiante, ele produz as Massas produtivas -é preciso que se diga

que as Massas são elas mesmas um produto da Maquinação posto em disponibilidade enquanto Reserva e Recurso a serem empregados.

Na contemplação da Técnica, em seus Ensaio *A Pergunta pela Técnica e Ciência e Meditação*, ambos de 1953, Heidegger não emprega mais o termo Maquinação, muito possivelmente porque o termo Armadura ofereça o sentido acabado da transmutação histórica da Armação grega. Todavia a Armadura mantém sua linhagem oculta em uma requisição primeira de disponibilidade baseada na concretização pura e simples.

8. A consumação do projeto técnico do Ser em Técnica da informação.

O passo derradeiro da nova Armadura do Ser, o pôr enquanto desafio de recurso e armazenamento, a Técnica o executa expandindo-se em Técnica da informação -aqui a Cibernética cumpre um papel capital. Através dela a velha Lógica se torna uma Logística. Um saber dos meios de articulação para o planejamento e planificação absoluta do ente. Hoje a Logística é a última palavra nas Ciências e na Mídia. Através dela os dados estatísticos podem ser tratados em vista da produção do conhecimento total do ente por respeito aos seus recursos disponibilizáveis. É toda uma manobra de açambarcamento que implica dissecação, classificação dos hábitos, dos gostos, das pretensões, das disponibilidades financeiras, para trazer o homem enquanto instrumento e fomentador da Técnica à luz de holofotes, para aplicá-lo como recurso dominado, isto é, conhecido, e organizado.

O que se deu de fato nessa projeção do Ser enquanto concretude *por motivo* da disponibilidade? Deu-se a transmutação consumada do Pensamento ele mesmo em Técnica. Isto significa que o Pensamento assumiu a forma da Técnica para se representar o Ser e a si mesmo. O Pensamento sofreu portanto um amplo sequestro de todos os seus modos de determinação de si e do Ente. Assim é que cada uma das formações complexas aludidas por Nietzsche: Ciência, Arte, Religião, Política realizam agora o projeto de planejamento e planificação do *Dasein* humano visado enquanto Massa dirigível. Estas formas pro-spectivas e trans-spectivas da conservação e elevação do Poder consomem em cada qual a padronização do modo de ser da verdade e do verdadeiro. É assim que "critérios técnicos" são reivindicados como o modo mais rigoroso do Saber e da ação. Nesse contexto, a Universidade perde em velocidade vertiginosa o seu lugar de centro de produção do Saber e se reduz mais e mais ao papel subalterno de vigilante dos tais critérios técnicos; toda a produção acadêmica está quase praticamente reduzida a divulgação deles -quando se pensa em Política, por exemplo, se pensa no estabelecimento e descoberta dos meios técnicos da organização socioeconômica, sempre com o foco na

demanda do momento, em geral informada pela Mídia, seja ela segurança pública, saúde, abastecimento, ecologia, etc.

Tomando uma destas formas complexas, aludidas por Nietzsche, a Arte, como referência para avaliar nela à sua alienação a nova Armadura do Ser, Heidegger aponta justamente como esta procede em vista da fomentação do projeto técnico da existência. Daí ele ver na Arte metafísica o seu fim enquanto Arte, na medida em que ela se transforma em empresa da Cultura para fomento desta mesma. E os meios da Arte proceder tal fomento é precisamente se instalando nas grandes instalações técnicas sobrepostas à Natureza e reproduzindo-as como se fossem elas a Natureza propriamente dita. Vê-se por todo lado o comportamento planejador da Arte com a pretensão de substituir as tradições, se impondo enquanto padrão de comportamento, gosto, moral e, conseqüentemente, de verdade. Com isto em vista, Heidegger afirma que a Arte não tem nenhum poder de decisão sobre a projeção do Ser, antes ela é arrastada em tal projeção, contudo tem ainda o poder encobrir inteiramente o sentido e a direção desta. O mesmo vale para a Ciência, Religião, a Política: Vê-se, age-se, aspira-se e "decide-se" tecnicamente.

9. Conclusão

O que podemos dizer disto tudo? O projeto de planificação absoluta da existência no seu todo, em seu curso avassalador mas ainda inconcluso, deu ensejo a um ver claro e amplo de seu propósito devastador. Nietzsche, embora tenha sido tragado em sua correnteza, deixou um verdadeiro grito de alerta, cujo eco foi ouvido quase um século depois. Heidegger acatou o seu alerta e, precisamente porque "onde mora o perigo, aí mesmo se encontra o que salva", produziu o legado, sem precedentes na história, de ensino acerca da formação e do percurso do Pensamento ocidental. Sua Filosofia é o primeiro golpe verdadeiramente de nocaute que a Armadura moderna recebeu. Contudo, pouco ouvida, pouco compreendida ela permanece por encontrar os preservadores de seu legado (aqueles dos quais ele aponta a necessidade para a sustentação da Obra enquanto Obra de arte), aqueles que, compreendendo o Saber que ele traz à clareira, possam propagá-lo e mesmo ampliá-lo.

A Armadura segue seu curso veloz, furioso e voraz, mas o *Seyn* fez soar uma nova requisição: o abandono da concretude em nome do verdade do *Seyn* ele mesmo enquanto Acontecimento. Todo um caminho de volta a percorrer em meio mesmo a enxurrada planejadora, todo um novo aprendizado a consentir e assumir.

Bibliografia.

ARISTÓTELES. *Física*. Tr. y notas G. R. de Echandía. Gredos, Madrid, 1995.

GIACÓIA, J. O. *Heidegger urgente - Introdução a um novo pensar*. Três Estrelas, São Paulo, 2013.

GREISCH, J. *Ontologie et temporalité*. Presses Universitaires de France, Paris, 1994.

HEIDEGGER, M. *Aus der Erfahrung des Denkens*. Neske, Pfullingen, 1977.

HEIDEGGER, M. *Beiträge zur Philosophie (Vom Ereignis)*. GA 65. Klostermann, Frankfurt Am Main, 1989.

HEIDEGGER, M. *Besinnung*. GA 66. Klostermann, Frankfurt Am Main, 1997.

HEIDEGGER, M. "Brief an Richardson" in RICHARDSON, W. J. *Heidegger - Through Phenomenology to Thought*. Fordhan University Press, New York, 2003).

HEIDEGGER, M. "Der Ursprung des Kunstwerkes", in *Holtzwege*. GA 5. Klostermann, Frankfurt Am Main, 1977.

HEIDEGGER, M. "Die Frage nach Technik", in *Vorträge und Aufsätze*. GA 7. Klostermann, Frankfurt Am Main, 2000.

HEIDEGGER, M. *Die Geschichte des Seyns*. GA 69. Klostermann, Frankfurt Am Main, 1998.

HEIDEGGER, M. *Die Grundprobleme der Phänomenologie*. GA 24. Klostermann, Frankfurt Am Main, 1989.

HEIDEGGER, M. *Einführung in die Metaphysik*. GA 40. Klostermann, Frankfurt Am Main, 1983.

HEIDEGGER, M. *Grundbegriffe der aristotelischen Philosophie*. GA 18. Klostermann, Frankfurt Am Main, 2002.

HEIDEGGER, M. "Les Séminaires du Thor", in *Heidegger- Questions III e IV* (R. J. Beaufret). Gallimard, Paris, 1976.

HEIDEGGER, M. *Metaphisik und Nihilismus*. GA 67. Klostermann, Frankfurt Am Main, 1999.

HEIDEGGER, M. *Nietzsche*. GA 6.2. Klostermann, Frankfurt Am Main, 1997.

HEIDEGGER, M. "Platons Lehre von der Wahrheit", in *Wegmarken*. GA 9. Klostermann, Frankfurt Am Main, 1976.

HEIDEGGER, M. *Platon: Sophistes*. GA 19. Klostermann, Frankfurt Am Main, 1992.

HEIDEGGER, M. *Sein und Zeit*, GA 2. Klostermann, Frankfurt Am Main, 1977.

HEIDEGGER, M. "Vom Wesen und Begriff der Physis. Aristoteles, Physik B, 1", in *Wegmarken*. GA 9. Klostermann, Frankfurt Am Main, 1976.

HEIDEGGER, M. "Wissenschaft und Besinnung", in *Vorträge und Aufsätze*. GA 7. Klostermann, Frankfurt Am Main, 2000.

HEIDEGGER, M. "Wozu Dichter?" in *Holzwege*. GA 5. Klostermann, Frankfurt Am Main, 1977.

HEIDEGGER, M. *Zeit und Sein*. Niemeyer, Tübingen, 1967.

HEIDEGGER, M. *Zollikoner Seminare*. GA 89. Klostermann, Frankfurt Am Main, 1984.

HEIDEGGER, M. *Zur Erörterung der Gelassenheit - Aus einem Feldweggespräch über das Denken*. Neske, Pfullingen, 1979.

ROSA, G.; LORENZ, G. *Diálogo com Guimarães Rosa*. Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994.

RUTIGLIANO, F. S. "Heidegger e o Diálogo: O Percurso de uma discussão fenomenológica na qual o fenômeno da serenidade é apresentado enquanto o constitutivo da essência o pensamento", in *Revista Portuguesa da Filosofia* 73, Braga, 2017.